Xangôs do Nordeste

GONÇALVES FERNANDES

Antigo Auxiliar-tecnico do Serviço de Higiene Mental e Assistente int. da Assistencia a Psicopatas de Pernambuco. Alienista do Hospital-Colonia «Juliano Moreira» (Paraíba)

Xangôs do Nordeste

Investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife

•

BIBLIOTHECA DE DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA

Sob a direcção de ARTHUR RAMOS

Vol. XIII

1937

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. - Editora

RIO DE JANEIRO

1

Xangôs do Recife

Afastados de outras casas, no meio de sitios ou cercados, em arrabaldes de grande densidade de população pobre, eram apontados os Xangôs no Recife como centro de bruxaria. Dessas casas modestas de taipa dos negros a imaginação dos moradores mais proximos fazia séde de praticas demoniacas.

O batuque noturno dos toques identificava o Xangô (1). Uma grande maioria da visinhança só chegava mesmo a conhecer o batuque escutado de longe. Não se tinha idéa, exceção de poucas pessoas, do sentido religioso dos toques. Reporter e gente da policia, esses sabiam um pouco mais. Batidas policiais, noite alta, levadas pelo batuque, traziam vez por outra para a publicidade noticia do *terreiro* surpreendido.

A repressão policial dificultava qualquer tentativa de contacto com a vida intima dos *terreiros*,

---

(1) Xangô é o genio do trovão. Aqui no Recife, por extensão, chamam, todavia, xangô ao culto.

nome que os negros dão aos seus templos. Só mesmo os iniciados tinham acesso ás cerimonias do culto.

O noticiario dos fatos diversos era muito pouco como contribuição: as reportagens não chegavam a alcançar os terreiros em ação. Uma tentativa nesse sentido foi levada a um termo feliz pelo Serviço de Higiene Mental da Assistencia a Psicopatas, á frente o prof. Ulisses Pernambucano.

O relatorio do dr. Pedro Cavalcanti, que transcrevo, marca o inicio das pesquizas do S. H. M. estudando a questão das seitas afro-pernambucanas:

A BAIANA DO PINA

"Visitei hoje a seita africana da "baiana do Pina". Esta seita não é registrada na Secretaria da Segurança Publica. Chama-se D. Fortunata Maria da Conceição a sua presidente. Recebeu-me desconfiada, porem sabedora das minhas intenções não se fez de rogada para me prestar interessantes declarações. E' ela natural da Costa d'Africa, estando já ha muitos anos no Brasil, tendo residido no Rio (morro da Favela), na Baía (Largo do Sapateiro), em Maceió, e emfim no Recife, no Pina.

Diz ter 110 anos de idade. É de nação Nagô e adora Sta. Barbara. No seu terreiro ha toques todos os sabados e domingos. Foi a iniciadora de mais dois terreiros aqui no Recife: o do finado Gentil, no Totó, e o do seu filho José Gomes da Silva (Neri) no Jacaré. Tem em sua casa (que é muitissimo enfeitada com bandeirinhas de papel de côr) tres grandes oratorios com cerca de 15 imagens de santos catolicos, algumas delas grandes. A "baiana" informou-me não ter nenhuma imagem trazida da costa. Prontificou-se a fazer comigo uma revisão nas palavras africanas que o Serviço conseguiu com pai Anselmo, pois desconfia que deve haver coisa errada. 1-9-1932. (as.) Pedro Cavalcanti. Auxiliar-tecnico".

ECLETISMO RELIGIOSO — A PRESSÃO DA POLICIA — MARACATÚS E CENTROS ESPIRITAS — PRATICAS MAGICAS

Não se encontra no Recife um só culto negro-fetichista puro. As diversas modificações sofridas através do tempo, iniciando-se com a transferencia na adoração dos "encantados da Costa" em imagens de santos catolicos, maneira de conciliar a imposição do senhor com os sentimentos de veneração do escravo africano aos seus deuses, trouxeram o enlaçamento com a religião do branco. A esse ecletismo religioso juntou-se a influencia espirita.

Da pressão da policia resultou camouflarem de sociedade carnavalesca e centro espirita os terreiros afro-pernambucanos. Maracatú e Centro Espirita aparecem de tal maneira que fez desconfiar. O "Diario da Tarde" de 1.° de Setembro de 1933 noticiava:

"AFOGADOS, REFUGIO DOS MACUMBEIROS AFRICANOS. A POLICIA DISSOLVE DOIS NUCLEOS DE BRUXARIA ALI EXISTENTES. "PAI NOBERTO" NOVAMENTE EXPERIMENTA O AGRADAVEL CONFORTO DE UM XADREZ.

A secção de policia de costumes vem movendo ultimamente severa repressão aos nucleos de macumba e feitiçaria africana que ainda existem esparsos pelos suburbios.

Ciente de que Afogados estava infestado desses centros de bruxaria o sr. Edson Moury Fernandes, ajudante daquela secção, acompanhado do investigador Pedro Monteiro, dirigiu-se hontem a noite áquele arrabalde disposto a dar uma batida em ordem. Sob o pretesto de que se tratava de casas de maracatú os macumbeiros vinham alí exercendo grande atividade, reunindo grande numero de adeptos. O primeiro nucleo de catimbó visado pela policia foi o "maracatú Estrela Baiana", situado á rua da S. Mangueira, em Afogados. Aí os macumbeiros foram surpreendidos em flagrante por aqueles policiais. Uma mulata pernostica de nome Otavia Josefina da Silva era a presidente da função. O mestre era o individuo José Eudet, vulgo Dé, a quem os macumbeiros atribuiam qualidades sobrenaturais...

Foram apreendidas pela policia varias garrafas de azeite de dendê, moedas de cobre que se achavam

cobertas de areia. Debaixo de uma garrafa sobre a qual se achava equilibrado um prato com restos de comida, estava um bilhete assinado por um Pedro da Silva, que pedia ao mestre Dé para atrazar um individuo que perseguia a sua familia. Foram tambem encontradas tres facas de ponta enferrujadas, metidas nas respectivas bainhas. Supõe-se que isto significa crimes que não foram descobertos e que precisam ficar encobertos pelo poder oculto do mestre Dé. Todos os macumbeiros foram presos e recolhidos ao xadrez da Segurança Publica.

Após essa batida aqueles policiais se dirigiram ao Centro Africano de Noberto Costa, conhecido por Pai Noberto, em Miramar. O aludido africano de ha muito que organizou naquela localidade um nucleo de bruxaria com uma frequencia numerosa de clientes. No salão principal de sua casa que é obra de capim, está instalado um altar adeante do qual os macumbeiros professam a sua misteriosa e sinistra liturgia. Separam casais, perseguem inimigos, desmancham casamentos, praticam emfim toda uma serie interminavel de coisas espantosas, apavorantes...

Ao som de toadas africanas, em honra de S. Budun, os macumbeiros sacrificam carneiros, porcos, bodes, galinhas e outros animais domesticos.

Aí a policia apreendeu varios apetrechos, coriscos untados de azeite, bonecos, rosarios, ossos de animais, etc.

Pai Noberto foi preso ha mezes pela policia desta capital por ter deshonrado uma moça a quem seduzira prometendo fazer um "trabalho" para ela ser feliz. Todos os catimbozeiros desse Centro inclusive Pai Noberto foram presos tambem e recolhidos ao xadrez da Segurança Publica.

Ainda do "Diario da Tarde", da sua edição de 12 de Abril de 1934 recortei a noticia:

"O CENTRO ESPIRITA CARIDADE E AMOR EM JESUS CRISTO TRANSFORMADO EM SÉDE DE "MACUMBAS" DESENFREADAS E DELIRANTES — AS EXTRANHAS RECEITAS DOS "ESPIRITOS" — ETC.

A secção de Costumes e Repressão a Jogos iniciou ha algum tempo, como é sabido, intenso serviço de repressão aos macumbeiros que infestam alguns pontos afastados da cidade. As primeiras diligencias policiais foram coroadas de exito o mais completo e o "Brasil Novo", durante dias consecutivos acolheu e abrigou uma extranha fauna humana composta de fanaticos e exploradores encontrados pelos investigadores a render seu culto ao misterioso Ogum...

Meses depois o capitão Jurandyr Mamede, então secretario da Segurança Publica, solicitou a cooperação da Assistencia a Psicopatas afim de que a

repressão pudesse tornar-se mais eficiente, separando-se os desequilibrados mentais daqueles que fossem simplesmente e conscientemente exploradores do primarismo e da ignorancia dos fanaticos.

Alarmados ante a vigilancia da policia de costumes, os catimbozeiros retrairam-se, passando a organizar com mais cautela as sédes de suas reuniões e a disfarçar convenientemente, quasi sempre, sob o rotulo de sociedades espiritas os verdadeiros fins que têm em vista. Os "centros espiritas" funcionam livremente, desde que se munam de uma autorisação policial. Aproveitando-se dessa circunstancia os fieis de Exú passaram a ser "espiritas" e o que dantes funcionava em logares desertos de longinquos arrabaldes, passou a ser feito até em pleno coração da cidade. Ainda não ha muito, casualmente, foi descoberta uma dessas sociedades espiritas clandestinas, cujos frequentadores eram a fina flor do "bas-fond" da cidade...

Um novo centro que surge. — O "Centro Espirita Caridade e Amor em Jesus Cristo" surgiu ha cerca de uma semana numa viela recuada e tranquila de Dois Irmãos. Tranquila, é de vêr, durante o dia. Porque durante a noite o sono e o repouso eram afastados dali a ponta-pés pela dansa dos espiritos do tal "centro" e pela algazarra constante, ininterrupta, dos fieis. Aquilo intrigava os visinhos. Nunca se haviam visto espiritos mais barulhentos do que aqueles. Barulhentos e extranhos: berra-

vam de maneira infernal durante horas seguidas, cantavam embolada e "côcos" que nada tinham, na verdade, de espirituais e sambavam a noite inteira num sarapateio de ensurdecer. Aquilo intrigava os visinhos que nada viam, é claro, mas que tinham forçosamente de ouvir aquilo tudo, até alta madrugada, a menos que preferissem desertar de casa e procurar repouso, que ali lhes era vedado, em logares distantes.

Uma queixa á policia. — Ante-hontem, porem, um deles esgotou a paciencia e procurou a policia. Fez-se aí uma narrativa angustiosa e comovente das suas torturas. Ninguem mais do que ele respeitava espiritos. Tanto que, como bom cristão que se orgulhava de ser resava em intenção deles todas as noites, etc.

Mas é que os "espiritos" frequentadores do tal centro eram positivamente diferentes de todos os espiritos. Sambistas impenitentes e cantadores incansaveis, expulsavam de varios quilometros em torno o socego e o repouso.

No Centro Espirita Caridade e Amor em Jesus Cristo. — Hontem, quarta feira, seria dia de função, segundo adeantara o denunciante. Uma turma de investigadores da Secção de Costumes, cerca das 24 horas, encaminhou-se para o "Centro, etc. Ainda a uma certa distancia perceberam os policiais os sons das cantigas e o ritmo compassado dos pés batendo em cadencia no solo. Já nas proximidades

da casa — um mucambo de miseravel aparencia — verificaram que a taboleta afixada á porta de entrada — "Centro Espirita Caridade e Amor em Jesus Cristo" — era como de costume pura e simples tapeação. Estavam deante a um centro de macumbeiros. Assim o provaram o batuque monotono de tambores e as toadas africanas — preces e invocações a Ogum — que, vezes lentamente, vezes agitada, num delirio de turba enfurecida, subiam para o céo, entoadas em conjunto por dezenas de bocas. O espetaculo que minutos após se lhes deparou veio definitivamente comprova-lo. Era o habitual espetaculo que oferecem as macumbas. Reunidos numa sala estreita e abafada, onde se respiravam emanações de alcool e catinga de corpos suados, cerca de trinta pessoas, homens, mulheres, crianças, sapateavam em torno a uma pequena fogueira no centro do salão. Á entrada inopinada dos policias sucederam-se momentos de panico e estupefação. Detidos todos os presentes, iniciou-se a busca pelo mucambo: dentes de lebre, pés de veado, velas de parafina, cabelos e uma infinidade de bugigangas semelhantes, foi o resultado da colheita. Dentro de uma caixa de papelão foi encontrada grande quantidade de papeis, na sua maioria cartas de clientes solicitando a receita dos "espiritos". Entre eles, tambem prospectos de propaganda, em forma de conselhos medicos e sugestões dos "espiritos" á Humanidade..."

Fig. 1 — *Ialorixá Maria, filha da Baiana do Pina, afilhada de Ogum (Coleção do Autor).*

Pai Noberto pratica "despachos" como outros babalorixás. Almeida por exemplo, de quem falo noutro capitulo, foi apanhado em pleno exercicio da magica: a policia encontrou no seu Pegí o retrato de um rapaz de familia importante do Recife, embebido em sangue, amarrado em fitas, cartas do mesmo jovem submetidas a processo semelhante. Tratava-se de realisar um "pacto de sangue" para resolver um caso amoroso...

Na lista (2) que me foi fornecida pelo babalorixá Anselmo, pessoa de muito bons costumes, Noberto e Almeida estão entre os "que não têm competencia".

---

(2) «Lista dos adoradores da seita que não têm competencia»: 1.º, Maria Gorda, na rua dos Craveiros, Fundão. 2.º, Zezefinha, na rua das Moças — é casa suspeita. 3.º, Neri, no sitio de Adelaide, na Encruzilhada. 4.º, José do Café, na rua do Cipó em Campo Grande. 5.º, Pedro de Ancantra, na rua da Regeneração. 6.º, Pai Norberto. 7.º, Amaro e José Cosme, filhos de Paisinho de Tegipió vão abrir terreiro. Aviso do babalorixá Anselmo ao Serviço de Higiene Mental».

ONDE ESTÃO LOCALISADOS OS TERREIROS — CONVITE PARA OS TOQUES

De algum tempo para cá a grande maioria das seitas afro-pernambucanas são registadas no Serviço de Higiene Mental, que é avisado com antecedencia dos seus toques, seus tecnicos recebidos com grande cortezia nos terreiros.

Assim estão localisados os principais terreiros do Recife:

Seita africana Santa Barbara — rua da Mangueira 137, Campo Grande. (Mãi do terreiro: Maria das Dores).

Seita africana Santa Barbara — rua do Progresso 13, Agua Fria. (Pai do terreiro: Manuel ANSELMO Reis Hipolito).

Seita africana São Jorge — rua do Totó 6, Tegipió. (Pai do terreiro: Lucio Alves Feitosa).

Seita africana São João — rua da Regeneração 1045, Agua Fria. (Pai do terreiro: Artur ROSENDO Ferreira).

Seita africana Cosme e Damião — rua Francisco Berenger 147, Encruzilhada. (Pai do terreiro: APOLINARIO Gomes da Mota).

Seita africana São Sebastião — rua Serena 660, Campo Grande. (Pai do terreiro: OSCAR de Almeida).

Seita africana da Rua do Mangerico, Agua Fria. (Pai do terreiro: João NEPOMUCENO Sampaio).

Seita africana Santa Barbara — rua José Maria 20, Encruzilhada. (Pai do terreiro: José Gomes da Silva, vulgo NERI).

Seita africana Santo Antonio — rua do Craveiro, Fundão. (Mãi do terreiro: Maria CELINA).

Seita africana Santa Barbara — rua das Moças 406, Arruda. (Mãi do terreiro: Josefa Guedes Pereira, vulgo ZEZEFINHA).

Seita africana Navegantes — rua da Mangaba 265, Campo Alegre. (Pai do terreiro: Severino Bezerra).

Seita africana Senhor do Bomfim — rua da Mangueira 137, Campo Grande. (Mãi do terreiro: Maria das Dores Silva).

Seita africana Ôbaoumin — Estrada Velha 686, Chapéo de Sol. (Pai do terreiro: ADÃO).

Seita africana Senhora Sant'Ana — rua 13 de Julho 135. (Mãi do terreiro: Joana Batista, vulgo JOANA BÓDE).

Seita africana Obaruidá — rua do Cipó 21, Campo Grande. (Pai do terreiro: José Costa, vulgo NOBERTO).

Seita africana São Jeronimo — rua da Mangabeira s/n., Mangabeira. (Pai do terreiro: José Claudio de ALMEIDA).

Ocupam, como se vê, ruas afastadas de arrabaldes distantes do centro da cidade, sendo que na zona correspondente ás estradas de Beberibe e Campo Grande se encontram em sua grande maioria esses terreiros, alguns de dificil acesso aos que não conhecerem bem a topografia da região.

Vale como documento transcrever alguns dos convites recebidos pela direção do S. H. M. dos babalorixás que dirigem os cultos, para assistir aos seus toques:

"Illmo. Senr. Dor. Ulyse. Saude. felicidade, é que lhe desejo. Faço estas duas linhas participando a V. sara. que amanhã vou fazer a festa de changou e como disse a V. sra. em casa do senr. Oscar, e fiz o convite o sr. me disse que um dia ou dois antes mandasse lembrar, por isso escrevo a V. sa., doutor Pedro Cavalcante doutor Gilberto e as Exmas. Familias. Fico esperando a chegada da V. S. Nada mais, do criado Obr. Endereço

Rua da Mangaba n.º 265, Campo Alegre (a.) Sivirino Beserra".

"Recife, 15 de Setembro de 1933. Illmo. Snr. Dr. Ulysses Pernambucano. Mui digno Dierertor do Azilo di alienado da Tamarineira, comonico-lhe a V. S. e os seus amigos que eu tenho de fazer os toques do meu terreiro nos dias 16 a 21 do corrente di comformidade com a ceita africana, venho por meio desta convidar a V. Sa. e os seus amigos para comparicer ao toque nos referidos dias 16 a 21. No mais só com a nossa vista do seu cr.º Obr. (a.) Manoel Anselmo de França.

"Illmo Sr. Dr. Ulysses Pernambucano. Saudações. Levo ao vosso conhecimento que estamo no proximo domingo 17 do corrente as 16 horas a disposição de Vsa. Sia. causo seja lembrado, faço votos para que não seja esquecido este convite. N. B. a hora do Toque é as 16 terminando as 20 horas em ponto. Do Cdo. e Odo. (a.) Adão".

"Illmo. Sr. Dr. Ulisses Pernambucano. Venho por meio desta comunicar ao Dr. que tendo de realisar hoje um toque em meu terreiro, com alta consideração convido o Dr. e a familia afim de assistir ao referido toque. Sem mais as ordens. Do Cdo. e Odo. (a.) Artur Rozendo Pereira".

"Desejo que estas linhas vá encontral-o gosando perfeita saude, juntamente com todos que lhe são caros. Dr. tendo de realisar nos dias 23, 24 e 25 do corrente mez, em nossa séde a rua do Sipó n.º

21, em Campo Grande uma festinha de nossa Seita Africana e como sendo meu dever communicar a V. Sa. segundo me pediu para lhe avisar com antecedencia, quando tivesse de realisar qualquer festa, venho pelo presente convidar a V. Sa. para que com vossa presença haja melhor realce na referida festa. Do criado humilde (a.) José Antonio da Rocha, Campo Grande, 22 de Dezembro de 1933".

"Recife 11 de 5 de 1934. Saudações Dr. Olicio. Participo que toco amanhã 12 do corrente principio as 10 horas e convido-lhe para vir apricial o nosso toque. Do criado (a.) Artur Rozendo Pereira".

REGULAMENTO DAS SEITAS E ALGUMAS TOADAS

Como formalidade, a policia exige para os centros espiritas e seitas africanas a apresentação dos seus regulamentos, documento essencial para a concessão da licença de livre funcionamento. Os regulamentos dos cultos negro-fetichistas do Recife são duma maneira geral copia ou decalque do que transcrevo linhas abaixo, seguindo-se-lhe tres que fogem desse tipo mais ou menos estandardizado:

"ESTATUTO DA SEITA AFRICANA EM ADORAÇÃO A SANTA BARBARA SITUADA A RUA FRANCISCO BERENGER N.º 147, LOGAR ENCRUZILHADA.

Apolinario Gomes da Mota, Babalorixá da referida seita em adoração aos encantados da Costa da Africa com os seus regulamentos seguintes:

Temos que oferecer os nossos sacrificios a todos os encantados da Costa da Africa de conformidade

com as ordens e respeito, conforme o rito da seita.

Temos que foncionar as festas depois dos sacrificios oferecidos a todos os babarumael.

Não poderão os filhos dos santos ir dansar sem que primeiro não cumpram com os seus deveres. Ir ao Pegí fazer o seu adobalê aos pés dos santos aos pés do seu *babalorixá,* aos pés de sua *inan* e sua *mãi pequena* e ao *Ogan.*

Não poderão os filhos de santo tomarem bebidas alcoolicas nem fumarem na ocasião das festas.

Os filhos de santo na ocasião das manifestações terão o direito a um *iabá* como a uma toalha para enchugar todos aqueles que estiverem manifestados tendo o cuidado para não deixar nem um cair, estas responsabilidades caberão a *mãi pequena* e a todas as *ilais*".

"SEITA AFRICANA SENHORA SANTANA. PRESIDENTE JOANA BATISTA.

As datas que se fazem festejos aos santos africanos são estas: 24 de dezembro Natal, 1.º de janeiro Anos, 20 de janeiro, 1.º de Abril, 24 de Junho, 26 de julho, 24 de agosto, 27 de setembro e 8 de desembro.

Tambem os filhos de santo têm obrigação quando chegar as datas de seus aniversarios festejar na ocasião que estamos tocando, tem por obrigação aziabarta com as toalhas enchugando os tocadores, tem por obrigação tambem quando chegar um espi-

rito azabar enchugando eles. Por causa de qualquer um filho de Santo queira ir em qualquer terreiro tem que participar ao seu Pai de Santo ou Mãi de Santo. São esta esplicação desta irmandade. São estas. 8 de 3 de 1934".

"Fortunata Maria da Conceição, sua criada, oiou, com suas toadas e seus regulamentos:

Xangô — este é o oficio de Aloes em lingua africana:

Ounicáérú zaquí caraginé aracutan ati tú padê só lon-nan ebôsióromínhá a leudes é
Ounicá é biarocou

Yemanjá: (N. Sra. da Conceição)

Emidelodou abá ou miou
Edemó seo a oruu mibi

Oxum — (N. Sra. dos Prazeres)

Babiou e mascum sim barrura
lisubisú imbalirar

Oiá — (Sta. Barbara na lingua da Costa)

Edé i ariou Oiá
Miçan escagalê

Abaluaê — (S. Sebastião)

Ênu pin-nan pelo jó
Abaluaê tala fo maré

Ogum — (S. Paulo)

Ogum dê Xangô

Dê ralanquê in negô

Oxuguiam — (o Pai Eterno)

Oxuguiam pelo amou nigi
Agou agou a lá
Ou du du a pele amou nigi
Agou agou a lá

(a.) Fortunata Maria da Conceição, sua criada, oiou. Dias das orações são os sabados, domingos, feriados e dias santos. Regulamento de Xangô: não usar chapéo, não fumar e respeitar a moral".

"No terreiro de Eloy, dedicado a Sta. Barbara assim estão ordenados os preceitos: dias para toques, 13 de Maio, 13 de Junho, 13 de Janeiro, 29 de Junho, 26 de Junho.

O pai de santo trata-se por babalorixá, a mãi de santo por Ialourixá. Na hora do toque todos os de santo tomam a bençam faz o seu adobalê, vai aos pés da Mãi de Santo faz o adobalê tomam a bençam aos pés da Mãi pequena.

As toadas do principio do toque:

Paoabahou
Abaumutibá
Hê bagê camadê choilê
Helebá cilú

Os filhos de santo na hora do toque não bebem nem fumam. A seguir salvam o segundo orixá, Ogum, traduzido para o portuguez é S. Jorge. Em

terceiro logar salva-se Odé, na lingua portugueza chamamos S. Miguel. Em quarto Xangô na lingua portugueza é Sto. Antonio. Em quinto logar Yemanjá na lingua portugueza chamamos nossa Sra. da Conceição. Em sexto Abaluché na lingua portugueza é S. Sebastião. Em setimo Nãnã-brucu na lingua portugueza conhecemos por Santa Barbara. Em oitavo nossa senhora dos Prazeres ou Euloia. Em nono Oxim Marê, no portuguez São Cosme e São Damião. Em decimo Orixalá, no portuguez Sant'Ana. Os instrumentos que tocam nos dias de festa chama-se Teú. O pai de santo a.) Eloy Barbosa da Silva".

SEITA AFRICANA SANTA BARBARA. — FUNDADA EM 21 DE AGOSTO DE 1931.

Compromisso para os filhos: Art.º 1.º — Para ser filho desta seita é preciso: § 1.º — Estar em pleno goso social. § 2.º — Não ter nodoa que desabone sua conduta moral e social e não sofrer molestias contagiosas. § 3.º — Combinar com seus superiores, Paes, Maridos e etc.

Art.º 2.º — Ser proposto por um filho da seita ou em reunião julgado pelo demais filhos. § 1.º — O Orsé da Sexta-feira é obrigado para todos os filhos; os que faltarem sem motivo justificado são multados em Rs. 500 réis, cuja multa não ha perdão, sem excepção. § 2.º — Nas mesmas condições os

que faltarem as obrigações e os toques. § 3.º — É dever dos filhos serem unidos respeitar uns aos outros, terem ordem quer em dias de obrigações, diversas e nos demais dias.

Art.º 3.º — É dever dos filhos fazerem odubalé nos pés de seu Babalorixá e Ialourixá, e dar Baxuxú aos irmãos mais velhos quando chegarem e na ocasião de dansar. § 1.º — Ajudar a cantar e estar sempre em atividade, junto com a mãi pequena. § 2.º — Comprar seus trajes de acordo com as côres do seu anjo de guarda. § 3.º — Não fumar no salão quando estiver em obrigações, ou diversões e evitar bebidas alcoolicas.

Art.º 4.º — Os filhos desta seita *não poderão compartilhar em outra,* quér em obrigações ou diversões a não ser com a autorisação do seu superior. § 1.º — Os que não cumprirem, serão punidos. § 2.º — É dever dos filhos serem constantes na seita, com especialidade nos dias de Quinta, Sexta, Sabado e Domingo, e os demais dias que fôr necessario. § 3.º — Trazerem suas quotas marcadas, pagarem suas multas quando cahirem em falta, trazerem velas, arroz e o necessario para os seus anjos de guarda.

Art.º 5.º — As datas commemoradas por esta seita: 1 e 20 de Janeiro, 1, 6, 13, e 24 de Junho, ultimo Domingo de Julho, 27 e 30 de Setembro, 21 e 24 de Agosto, de 4 a 25 de Dezembro, 23 de

Abril, 19 de Março e o mês de Maio, e os demais são extraordinarios.

Art.º 6.º — Os filhos desta seita têm que terem paciencia com todos, tratar bem e com bons modos os crentes, evitar com delicadeza os abusos dos apreciadores. § 1.º — Terem crença, fé e gosto com os encantos, cumprirem os preceitos da lei. § 2.º — Trajarem branco nos dias de Sexta-feira, não comerem carne, e não adulterar da Quinta-feira para Sexta, e nem nos dias de obrigações. § 3.º — Os filhos, e filhas que desrespeitarem os art.º e paragrafos destes compromissos serão punidos de acordo com as suas faltas.

Art.º 7.º — É dever dos filhos e filhas, respeitar, e fazer respeitar as salvações de Eamesan, Xangôu, Orixalá, Obaluaê, sendo que no do anjo de guarda dos Paes, e de Eamesan, cumpre o que manda o Art.º 3.º.

(Ass.) José Gomes da Silva, BABALOURIXÁ. Celina Anunciada da Silva, IALOURIXÁ. Alzira Francisca Mendes, MÃE PEQUENA. José Vieira Passos, TACIPA.

REGULAMENTAÇÃO DOS "TOQUES"

O abuso com que certos pais de terreiro "sem competencia" repetiam os seus toques (o que o babalorixá Adão reclamava a todo o passo ao pessoal do Serviço de Higiene Mental e aos seus intimos) fez despertar um rumor que chegou aos corredores da Segurança Publica. No dia 21 de Julho de 1935 noticiava o "Diario de Pernambuco":

"VAI SER RESTRINGIDA A LICENÇA PARA OS *TOQUES* NOS XANGÔS. A POLICIA BAIXARÁ UMA PORTARIA A RESPEITO.

A Secretaria da Segurança Publica concedeu ha tempos licença a varios xangôs do Recife para realizarem *toques* nos seus terreiros.

As reuniões dos negros efetuavam-se quasi todos os sabados e constituiam até certo ponto centros frequentados por curiosos e estudiosos das religiões africanas.

Verificados os toques em pontos relativamente distantes da cidade, supunha-se que não incomodassem a ninguem.

A policia licenciara as reuniões em face de pareceres emitidos pelo Serviço de Higiene Mental da Assistencia a Psicopatas, tornando-se assim legal atos que, proibidos, eram realisados ás escondidas, dando logar ás vezes a abusos.

Agora, no entanto, a Comissão de Censura das Casas de Diversões Publicas vae se dirigir ao Secretario da Segurança Publica solicitando providencias no sentido de ser baixada uma portaria na qual fiquem designados os unicos dias em que se poderão realisar os toques.

Estes serão em numero de dezoito anualmente, assim distribuidos, atendendo-se á tradição das festas que lhe dão margem:

Festa dos Reis Magos: 5, 6 e 7 de Janeiro;
Festa de São João: 23, 24 e 25 de Junho;
Festa de Nossa Senhora de Sant'Ana: 27, 28 e 29 de Julho;
Festa do Inhame: 20, 21 e 22 de Outubro;
Festa da Senhora da Conceição: 7, 8 e 9 de Dezembro;
Festa do nascimento de Cristo: 24, 25 e 26 de Dezembro".

O Serviço de Higiene Mental informou-se que essa sugestão partira do babalorixá Anselmo,

encontrando na Comissão de Censura ambiente favoravel. Foi mesmo Anselmo, o babalorixá de Agua Fria, que intendeu de fazer padrão para os toques o seu calendario religioso.

Veja-se o sincretismo catolico nessa distribuição de festas, que foi muito mal recebida pelos pais de santo da cidade. O proprio babalorixá Adão foi até o S. H. M. onde formulou um protesto veemente.

Essa regulamentação mexeu tanto com os cultos afro-pernambucanos que o "Diario de Pernambuco" na sua edição de 23 do mesmo mês publicava:

"EM TORNO DA RESTRIÇÃO DOS DIAS PARA OS "TOQUES" NOS "XANGÔS".

Declarações do professor Ulysses Pernambucano á nossa reportagem — O que dizem ao Diario de Pernambuco os "babalorixás" Oscar e Anselmo.

Pleiteado pelo Serviço de Higiene Mental da Assistencia a Psicopatas de Pernambuco, foi concedido aos "xangôs" licença policial para funcionarem com plena liberdade. A medida foi recebida com simpatia pelos babalorixás que se viram assim livres de perseguição policial para os seus *toques,* podendo cumprir o seu rito dentro da melhor ordem.

Fig. 2 — *Idolos e fetiches dos xangôs de Recife (Coleção do S. H. M.)*

Os *xangôs,* por outro lado, são pontos de atração para os estudiosos do afro-brasileiro, nos seus caracteristicos cientificos, através o seu culto religioso, suas dansas e sua musica.

As licenças aos xangôs são concedidas pela policia com parecer do Serviço de Higiene Mental, tornando-se assim perfeitamente legal.

Agora resolveu a Comissão de Censura das Casas de Diversões Publicas dirigir-se ao secretario da Segurança Publica no sentido de restringir os dias de "toques" nos "xangôs". Conforme o Diario de Pernambuco publicou ante-hontem, serão restringidos a 18 os "toques".

A respeito procuramos ouvir o professor Ulysses Pernambucano, diretor geral da Assistencia a Psicopatas. Além da autoridade que lhe dá esse cargo, o prof. Ulysses Pernambucano foi o autor da iniciativa concedendo licença aos "xangôs" afim de evitar a perseguição policial, e, no ano passado, dirigiu o 1.º Congresso Afro-brasileiro, reunido no Recife.

O QUE CABE AO SERVIÇO DE HIGIENE MENTAL

Disse-nos o Prof. Ulysses Pernambucano:

— "O Serviço de Higiene Mental não está ligado diretamente a essa parte policial dos "xangôs". Coube-lhe pleitear e obter liberdade para as reuniões

dos "xangôs", sem perseguição da policia, como acontecia antigamente.

Quanto á parte que nos cabe, não temos em absoluto nos desinteressado. Ainda este ano obtive do governo do Estado a dispensa do pagamento da taxa das licenças para os "toques". Como esta medida noticiada não afeta ao nosso serviço junto aos "xangôs" nada temos que dizer sobre ela.

DE ACORDO COM OS BABALORIXÁS

— "O que parece — acrescenta o prof. Pernambucano — é que a medida agora tomada pela policia está de acordo com os "babalorixás". Posso mesmo adeantar que foi o babalorixá Anselmo quem apresentou a lista dos dias para os "toques".

Antes da divulgação da medida fui procurado por Anselmo para me manifestar sobre ela, não me manifestando, porem, por não se prender a mesma ao Serviço que dirijo.

Acho, portanto, que não estão queixosos da medida policial que, decerto, vae evitar muito abuso".

"EU PROTESTO CONTRA A MEDIDA" — DECLARA-NOS O "BABALORIXÁ" OSCAR

Á noite a nossa reportagem ouviu um dos "Babalorixás" do Recife — Oscar de Almeida. É "Babalorixá" do Centro Africano Santo Sebas-

tião, de culto nagô. Oscar estava acompanhado de José Tavares, "pai pequeno" do seu terreiro.

— "Eu protesto contra a medida. Nem posso ceder a ela porque a data principal do meu terreiro, 20 de janeiro, foi cortada. Tambem foram cortadas as de 26 de janeiro, 5 de outubro, e 4 de dezembro, dias que não podemos deixar de festejar.

Por isso não posso me submeter á medida da policia".

NÃO FOI OUVIDO

— "Vim a saber do que havia por um "filho de santo" que me mostrou a noticia.

Não fui ouvido a respeito.

Temos no terreiro 28 toques por ano e como vamos ficar reduzidos a 18? Principalmente as nossas datas principais foram esquecidas.

Não posso deixar de festejar o 26 de janeiro que é a "deixa de meu pai". Essa data vem sendo festejada desde meu avô que deixou para meu pai e meu pai deixou para mim.

Se a medida foi feita de acordo com Anselmo, como me disse dr. Ulysses, ele não consultou os outros babalorixás.

Eu acho que ele não ouviu tambem o babalorixá Rosendo. Se fomos nós tres que fizemos o Congresso Afro-Brasileiro, essas medidas que nos interessam deviam ser consultadas a nós. E não fazer assim".

Oscar fala-nos ainda do seu terreiro e nos convida para assistir um "toque".

O QUE NOS DIZ O "BABALORIXÁ" ANSELMO

Ouvimos ainda o "babalorixá" Anselmo, de culto nagô tambem. Anselmo, que foi um dos organisadores do congresso Afro-brasileiro, nos diz sobre a medida:

— "O que a policia fez agora foi uma medida boa. Dei a lista dos dias que devem festejar para evitar abusos.

Outro dia fui forçado a botar para fora um "filho de terreiro". E ele achou de abrir outro terreiro.

Estão abusando muito por aí. Mulheres e homens e até casas suspeitas se fazem de terreiro.

Mas se trata de uma coisa seria, de uma religião que não pode ser deturpada.

E' preciso acabar com os abusos. A medida é boa, por isso, e assim não me neguei a indicar os dias para os "toques".

O babalorixá Adão que nunca ligou a "pai de terreiro" nenhum daqui, e sempre dizia que eles

não tinham conhecimento para tal, falou que coibir abusos era muito bom, mas dar voto lá no seu terreiro era que não podia ser. Lembrou que se fixasse em 18 o numero maximo de toques annuais, ficando quem quizesse com o direito de reuni-los quando fosse a vez. E assim se entenderam.

Os "pais de santo" "sem competencia", estes ficaram mais ás vistas. A "ialorixá" da Rua das Moças, Josefa Guedes, não tardou em ter cassada a sua licença de livre funcionamento para o terreiro. Isso, todavia, não lhe abalou muito a vida: apenas suas reuniões ficaram raras e tinham começo muito tarde.

O SENTIMENTO DE RIVALIDADE ENTRE OS TERREIROS

Existe uma grande rivalidade entre os terreiros. Filho de um terreiro não dansa com outro pai. Alguns, os que tocam os adufos, são ás vezes solicitados para terreiro da mesma nação e uma especie de aliança permite licença. Já se verificaram conflitos entre filhos de santo de terreiros diferentes, alguns até com o fim de impedir um toque.

A intriga não raro é posta em pratica para colocar mal pais de terreiro entre os tecnicos do S. H. M. (3) que gosam de certo prestigio en-

---

(3) A carta que se lê abaixo foi enviada ao S. H. M.: «Illmo. Snr. Dr.

Em 29 de Março de 1935.

Eu me sentei para escrever não foi para pedir nem para adular adular só santo grande que tenha para dar. Apois assim eu soube que o sinhor ia proceder a não dar esta licencia se o

tre os babalorixás. Esse prestigio que vem da iniciativa do prof. Ulisses Pernambucano tomando a cargo do S. H. M. a fiscalisação que era exercida pela policia, e se fixou com o 1.° Congresso Afro-brasileiro, animado pelo escritor Gilberto Freyre, tem valido o que nunca se poderia conseguir de outra maneira e que se ia perdendo tempo afora.

---

senhor quizer dar der e si não quizer não der. E eu antes de conhecer chongou ja comia e ja bebia e ja vestia para isto eu tenho a minhas outras leis meu caximbo grande para me defender eu e Maroca Gorda somos chefe do Catimbó e minhas filhas quaze todas e se eu trabalhar por uma parte trabalho por outra e não tenho medo de soldado de policia nenhum somente o medo que tenho é dos castigos de Deus... para isto eu tenho Eichú Gelû e Eichú Tamentar para me defender e si assim for eu quero que me mande os meu retratos quer que é uma colleção que tem lá e não conheço bamba para acabar com o meu terreiro José Claudino de Almeida e se duvidar pode vir a onde eu moro e pode mandar pulicia grande que sae tudo é flechado nas nagrimas Eu moro na mangabeira na casa de Maroca Gorda que tem o maracatú. Dr. Olicio nada mais tenho a lhe dizer mais de uma vez boto o meu nome. (a.) José Claudino de Almeida».

O prof. Pernambucano suspeitou um mal-entendido. Mandei chamar Almeida ao S. H. M. O pai de terreiro procurou-me, mostrei-lhe a carta, ele reconheceu a letra, respondeu ser aquilo «artes» da sua ex-companheira: «separada de mim é agora doutro terreiro. Com esta carta falsa quer me prejudicar».

2

Ouvindo os babalorixás

O BABALORIXÁ, A IALORIXÁ E O OGAN — O TERREIRO — A INICIAÇÃO DO AFILHADO

Os *babalorixás,* sacerdotes, *pais de terreiro* ou *pais de santo,* filhos ou netos de africano na sua maioria, outros crioulos e até pardos como Neri, são os dirigentes do culto. A' sua companheira chamam *mãi grande.*

Nos terreiros dirigidos por mulher, esta toma o nome de *ialorixá, mãi de terreiro* ou *mãi de santo,* sendo as suas funções absolutamente equiparadas ás do babalorixá. Ambos marcam o ritmo aos tocadores de adufo (pequenos tambores que são batidos com as mãos diretamente) durante os *toques,* nome que dão ás suas cerimonias religiosas, tiram as invocações, as toadas, fazem sortilegios, presidem os sacrificios e preparam os

orixás (4). São ainda conselheiros e alguns praticam entre os seus filiados o curandeirismo.

No terreiro de Anselmo, o *Ogan,* especie de protetor do culto, pode tirar as invocações e dirigir um toque até o final, não realisando, todavia, as outras funções do pai de terreiro. No terreiro de Apolinario os filhos de santo fazem ao *Ogan* a mesma saudação respeitosa e as mesmas reverencias a que tem direito o babalorixá.

Todos os pais de terreiro têm os seus herdeiros (5) que por sua morte assumem a chefia do culto. Nem sempre os seus parentes, mesmo os mais proximos são contemplados no testamento, que contem diversos nomes e extensa lista: na ordem em que estão escritos se sucederão.

---

(4) *Orixás* são os seus deuses-fetiches. Sobre o seu «poder» diz o Prof. A. Brunialti (Popoli del Mondo, Usi e Costumi. Vol. Africa II, pag. 107, ed. s/data da Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, Milano). «*L'oricha* ha tutti i poteri, puó prevenire e guarisce malattie, preserva dalle disgrazie, dalle ferite, dai malocchi; fá amice, allontana inemice; permette l'inganno, scopre i colpevoli, tutto insomma».

(5) Do arquivo do S. H. M.: «Severino Bezerra Orixá Oguiam, babalorixá da Seita Africana Navegantes da rua da Mangaba, em Campo Alegre, e seus herdeiros na direção do culto: Sandoval de Azevedo, Marco Vasconcelos, João Vasconcelos, Manoel Vasconcelos, Gastão de Paula, Iracema de Paula, Edgar

O terreiro propriamente dito é a sala principal da casa onde reside o pai de santo. Tem via de regra cerca de cinco metros quadrados, chão de terra batida, alguns cimentados, bandeirinhas de papel de sêda colorido cobrindo integralmente o tecto. Ao fundo abre-se a porta do Pegí, o santuario sagrado da seita. Aí, num altar baixo de tres ordens, estão os fetiches dos seus deuses possantes, *Xangô, Ogum, Odé, Abaluayê, Yemanjá, Yamessan,* cercados de louça "da Baía", quartinhas de barro cheias dagua, pratos cobertos por outros pratos, contendo alimentos dos santos, frutos, distribuidos nos tres batentes. Estampas de santos catolicos cobrem as paredes, onde se conservam os colares do babalorixá e da mãi grande, onde é comum ver-se uma especie de espanador feito com a cauda de vaca, pendurado — é um dos simbolos de poder do babalorixá. Buzios, craneos de animais sacrificados, encontram-se pelo chão.

Atrás da porta do Pegí sacrificam geralmente, antes do toque, um galo a Exú. O sangue da ave é deixado cair sobre o deus-fetiche num al-

---

Francisco, Corina, Argemira, José Luiz, Maria Antonia, Maria de Lourdes dos Santos, Manoel Lopes, Maria Izabel, Lidia, Maria Magdalena, Otavio, Antonio, Elias de Lira».

guidar de barro vidrado. O galo sacrificado deve ser preparado depois e comido pelo babalorixá, pela mãi grande e pela mãi pequena.

No Pegí é que são iniciados os filhos de terreiro, que aí passam dias "para não levar sol, força de chuva e sereno, não ter raiva nem se contrariarem", satisfazendo aí mesmo todas as suas necessidades.

Uma fotografia do arquivo do S. H. M., mostra tres afilhados da Seita Africana São João, de Artur Rosendo, ao sair do Pegí, após os preparos do *Axé* (folhas, eifum, pemba, etc., trazidos da Africa ou comprados na Baía) para "sentarem "os santos. Apezar dos oito dias de preparo (fazem todas as necessidades no Pegí porque não podem levar sereno ou sol nem se enraivecerem) muitos só vão cair com o santo muitas noites depois.

Um deles "sentou" Xangô e os outros dois Ogum. Desta forma dansam a noite toda, assim como os que "sentaram outros santos".

Os nomes das peças dos seus vestuarios são os seguintes:

gorro	*filafi*
volta	*aquelé*

palhas de dendê	*maruô*
seta de Xangô	*molêta*
faixa	*ojá*

A tanga de Xangô ao invez de ser de palha como a de Ogum, é de fazenda em cores, com guizos nas estremidades.

Ao sair do Pegí chamam-se *Iauô.* Antes, porém, são precedidos por mulheres com toalhas (*iabá*) e homens (*ocurim*) seguros na ponta das toalhas (*alá*).

As festas religiosas (toques) têm inicio ás vezes com um rozario cantado, tirado em vóz alta em frente a um altar com santos catolicos. Depois das orações vestem então as suas cores, de acordo com o santo da devoção, e os filhos do terreiro estão preparados para o toque.

No terreiro de Adão, ao lado da casa, ha uma capela perfeita, com altar, imagens catolicas grandes, etc. Durante todo o mez de Maio realizam-se ali exercicios Marianos, preces tiradas por Adão, com a assistencia de grande numero de filiados á seita.

No terreiro de Josefa Guedes, na rua das Moças, no Arruda, assisti alguns toques iniciados com praticas catolicas. Do primeiro dei ao S. H. M. o relatorio que se segue.

UM TOQUE NO TERREIRO DE JOSEFA GUEDES

No principio da rua das Moças, no Arruda, procurei me informar em que altura ficava o terreiro de Josefa. Já passava das 21 horas e não se ouvia o batuque marcado para aquela hora. Uma negra velha indicou-me com precisão: na curva da estrada, á esquerda, numa casinha recuada estão rezando um mez de Maio — ali é o terreiro.

Junto ao cercado muitas pessoas assistiam ás preces. Via-se através das janelas, na sala iluminada por uma lampada a alcool, um oratorio com santos catolicos bem dispostos, imagens grandes e bonitas. O "mez de Maio" tirado por uma mulata bem vestida, era respondido por um côro de mulheres quasi todas jovens negras e mulatas.

Entrei no sitio e acompanhei mais de perto, junto á janela, a cerimonia.

Josefa deu pela minha presença, perguntou o que procurava. Quando lhe disse ser do S. H. M. me fez entrar, tratando-me como se fosse pessoa das suas relações.

Sua casa abre-se com uma sala espaçosa, janelas na frente e dos lados. Um corredor estreito liga esta sala a um pequeno quarto mobiliado com cama de casal, penteadeira e uma comoda, e leva ao terreiro, onde se abre a porta de um outro quarto — o Pegí; ligada á sala do terreiro, a cozinha espaçosa.

Como nos demais terreiros, as mesmas bandeirinhas de papel de sêda cobrindo o tecto, estampas de N. S. da Conceição, Jesus Cristo, S. S. Virgem, nas tres faces largas da parede, onde ainda se vêm cartazes: "É proíbido fumar", "Respeito e moralidade".

Josefa ofereceu-me uma cadeira, mandou que os batedores dessem o "sinal", e foi ao quarto da frente. Voltou logo depois com um costume de "baíana", grande quantidade de colares e pulseiras como ornamento.

Os filhos do terreiro que se agrupavam na sala ajoelharam-se e beijaram-lhe as mãos, outros deitaram-se por terra junto aos seus pés.

Josefa mandou que todos se colocassem em redor do terreiro. Os adufos bateram antes de qualquer toada. A mãi de santo sentou-se num tamborete, marcando o compasso dos adufos com uma pequena vara. O circulo de filhos do terreiro já formado, a Ialorixá tirou a invocação:

Odé
Dudú
Caiú
Maioá

repetida pelo côro: *Odé-é-é, dudú cá-iú, ma-ioá,*

O circulo se movimenta, os adufos batem forte, as dansas em volta da sala.

Josefa dirige-se para mim e diz que esta toada é a abertura do toque, pedindo aos orixás que olhem para nós.

As dansas em volta da sala, a toada sempre reeptida por mais de quinze minutos.

Segue-se a "salvação" a *Bá-Odé*:

Coupé milodé
Coupé milodé
Omin papé
Ou-dé ou-bé com marefó
Com marefó coupé
Milodé olé

Josefa volta-se para o lado do Pegí, donde sai um mulato duns 25 anos, cambaleando até o centro do circulo que dansa. Ergue os braços, grita forte e entra a espernear furiosamente, braços abertos, dando voltas em torno. Josefa bate no "manifestado" com a vara, manda que o ponham na rua, diz que o mulato está bebado e não com um santo.

Refeito o circulo, tira a invocação:

Nan nan eu há
Nan-nanbrucú eu há hei
Nan nan eu há hei!

É a toada a *Nannanbrucú,* salvando a terra e o mar, informa Josefa.

As filhas de santo deste terreiro chamam a atenção pela sua beleza, são quasi todas jovens negras e mulatas de 18 a 30 anos. Seus gestos são perfeitos e tem-se a impressão que representam, a marcação é perfeita.

Começa a saudação a *Abaluaê*:

Abaluaê talabô
Abô e mourô
Ogum Ogum
No arê olodó
Coa-nan ou lodó

É pedindo a São Sebastião para livrar o povo da peste, me diz a mãi de terreiro emquanto o còro das filhas responde a toada.

Segue-se a toada a *Mi-Xangô,* louvando todos os babalorixás e todos os *mi-xangô*:

Ei a baçou é
Mi-xangô babarixá
Lerú ou

Os adufos batem dolentemente, as dansas têm uns requebros e um volteio de ventre que ainda não tinha visto para outras toadas. É duma sensualidade extrema esse bailado *mi-xangô,* que não presenciei em nenhum outro terreiro.

Terminada a louvação os adufos param de tocar, ha um intervalo. Josefa aproveita-o para me mostrar o seu Pegí. No pequeno quarto pouco iluminado, um pequeno altar em tres ordens, totalmente cheio de fetiches diversos. Os seus encantados possantes, o grande *Xangô* num vas-

to alguidar de barro vidrado, *Ogum, Yemanjá, Abaluaê, Orixa-lá,* este ultimo representado por uma estampa emoldurada do Senhor do Bomfim. As mesmas quartinhas de barro cheias dagua, agua do santo, pratos com as comidas dos santos, frutos, garrafas com "caximbo" (bebida feita com cachaça, mel de abelha, canela, etc.). Duas grandes esteiras cobrem o chão.

Voltamos ao terreiro. Josefa chama os batedores de adufo; os filhos que conversam em vóz baixa formam o circulo em torno da sala.

Ou-guê reibé-ou guerá
Guerá guereibé-ou guerá

Josefa que sempre tira as toadas fóra do circulo, ora sentada no tamborete, ora de pé, diz estar salvando *Oiá*: "a toada é adorando a espada de *Oiá*".

O circulo para, depois dos filhos terem repetido por muitas vezes os mesmos versos. Os adufos param.

Josefa tira:

Ou-gué ninseledô barabou
Miu quer que
Mosolé no arô milé

É a toada a *Oloxum,* salvando todas as aguas, que vai ser continuada com a invocação a *Yemanjá*:

Para-manjá
no caiombé
Dihei no caiombé
No caiombé di hei

A toada terminal é a de *Orixa-lá*:

Gui gui alá é pó
É pó gui gui
Alá é pó
E abatalá lodeou

"Salvamos o Senhor do Bomfim para terminar", disse-me Josefa. "O doutor pode ir se embora", juntou. Os filhos do terreiro continuavam no entanto com geito de quem não tem vontade de ir embora, os batedores de adufo nos seus logares, a madrugada não tinha ainda clareado. Fui levado á porta com uma insistencia toda envolta em amabilidade e o portão fechou-se á minha saida.

Neste terreiro de Josefa, que se diz neta de africano, soube, e depois tive confirmação de fonte segura, de que nos fins das festas religiosas, retirados os convidados e pessoas extranhas, as

filhas do terreiro eram possuidas pelos filhos do terreiro. Não se trata duma prostituição sagrada, observada em alguns cultos primitivos. Anselmo na sua lista de babalorixás "sem competencia", expressão que para si envolve um significado todo especial, inclue Josefa (mais conhecida por Mãi Zezefinha) tendo mesmo denunciado que ela faz da seita um motivo para "negocio" suspeito...

Tive noticia de que no antigo terreiro de Almeida ocorria coisa semelhante. Posso garantir que em terreiros como o de Adão, Anselmo, Apolinario, Joana, entre muitos, absolutamente não são usadas tais praticas.

NO TERREIRO DE PAI ADÃO

Entre os páis de terreiro, Pai Adão é, sem duvida, o mais destacado. Todos os outros o têm em conta de um grande babalorixá, e si em vóz baixa falam mal da sua importancia, não é sem grande respeito com que o cumprimentam.

É filho de africano de Lagos, e tem atualmente cerca de 60 anos. Do seu pai herdou os fetiches que possue e se fez babalorixá.

Desejando conhecer a patria dos seus antepassados não mediu dificuldades: tomou um cargueiro para Lisbôa, dali um outro para Las Palmas e num barco inglez alcançou Lagos (1906). O conhecimento da lingua que lhe fora ensinada pelo seu pai lhe fez familiar a religião e permitiu que se aperfeiçoasse na liturgia do culto. Não se livrou comtudo do sincretismo catolico. Referiu-me mesmo que em Lagos, mercê da volta de muitos antigos escravos, outros mesmo libertos já de

nascença, o culto yorubano se faz assim mesclado em muitos terreiros.

De volta ao Recife, tempo depois, instalou o seu terreiro. Esteve antes na Baía e em Maceió.

Seu porte é o de um grande chefe, arrogante, e trata aos medicos do S. H. M. de igual para igual. Deixa, porem, ás vezes, transparecer a sua gentilesa em cumprimentos assim: "Só sinto alegria e só o dia é belo quando vejo você, etc."

Durante o dia, sentado numa velha poltrona de jacarandá, costume de brim branco muito bem engomado, fumando bons charutos, recebe os filhos do terreiro que lhe vão pedir a bençam ajoelhados, ou conselhos para resolver negocios, etc.

Julga-se um grande sacerdote, uma figura quasi sagrada e não se nivela aos demais babalorixás, aos quais critica severamente pelas indiscreções em torno dos segredos do culto. Sua restrição á divulgação de assuntos ligados ao terreiro é tal que, sendo amigo do senhor Gilberto Freyre, se negou a participar do 1.° Congresso Afro-brasileiro. Entre os diversos pais de terreiro do Recife foi a unica excepção.

Na sala onde faz o seu terreiro, ordinariamente é sala-de-jantar. Uma longa mesa bem posta, sempre convidados presentes, o ar patriarcal que inspira o ambiente é o clima em que vive Adão.

Essa casa, no Chapéo de Sol, linha de Beberibe, tem um sitio esplendido, cercado de arvores frondosas. Por detrás da casa ha um *Iroco,* gameleira sagrada que é venerada como santo. *Iroco,* disse-me Adão, é o páo encantado. A gameleira secular tem junto ao tronco montinhos de areia sobre os quais ha varias quartinhas de barro cheias dagua. Ali fazem sacrificios de animais em dias determinados do ano, que não consegui saber.

Na ordem das invocações a toada de Iroco é cantada em quinto logar no terreiro de Adão.

Em poucos terreiros, nesta cidade, ha semelhante adoração. Não sei si por falta da gameleira sagrada. Diversos pais de terreiro interrogados por mim respondiam evasivamente.

Ao lado da casa Adão tem a sua capela. Ali, toda cheia de santos catolicos, imagens e estampas no altar que toma todo o fundo da sala, bancos de madeira dispostos como se fosse em igreja,

fazem rezas, terços. O mez Mariano então é muito concorrido, sendo as orações tiradas por Adão.

Confronte á sala do terreiro está o Pegí. Tem duas portas, a que dá para o terreiro e uma outra ao lado da capela, ambas sempre fechadas a chave. Em dia de toque a porta que dá para o terreiro fica bloqueiada por bancos longos que são postos para os convidados. Nos outros terreiros esta porta é sempre livre, o Pegí visitado de quando em vez.

Dificilmente conseguí que Adão me deixasse penetrar no seu Pegí. É um quarto espaçoso, escuro. Ao fundo um altar baixo, de cimento e tijolos, tomando toda a largura, com tres ordens de batentes, onde se vêm dois *oxês* de *Xangô*, figuras esculpidas em madeira, á maneira dos primitivos, dois tronos de *Xangô*, uma especie de pilão esculpido ao redor, cobertos por um pano vermelho e branco, cores do orixá. Entre os pilões está Xangô: numa tijela de barro vidrado o fetiche do deus, a pedra negra de meteorito embebida em azeite. *Xangô* é um deus poderoso — o deus do trovão. É filho de *Onanminhã,* e de sua geração é tambem outro deus — *Xerê.* São seus descendentes *Yamassay, Dadá* e *Baianĕnin,* "deuses

femeas", disse-me Adão. *Dadá* vê-se acima do *Xangô.* É representada por uma especie de capa pequena com capuz, toda coberta de pequenos buzios brancos, bem ao centro dois espelhos pequenos. Está dependurada na parede. Esse *Dadá,* os *oxês* e os tronos, Adão os herdou do seu pai. Ao lado de *Xangô* estavam: *Orixalá* (uma cuia de louça cheia de buzinhos e de agua), *Yemanjá* (uma terrina de louça onde se vê uma pedra de raias vermelhas), *Ogum* (um alguidar de barro vidrado cheio de ferros, punhais e um revólver velho enferrujado — são as ferramentas de *Ogum*). Havia grande quantidade de pratos e louças cobertos por outros pratos, por panos coloridos, quartinhas de barro cheias dagua, garrafas com bebida, estampas de santos catolicos na parede. Numa bacia de pó de pedra um busto grosseiro feito em barro escuro, olhos brancos. Muitos colares em volta de fetiches diversos, outros em penca dependurados na parede, contas de varias côres. Pelo chão craneos de pequeninos animais, "ilús" (pequenos tambores), algumas peles.

Mostrei desejo de tirar uma fotografia do Pegí e Adão não me permitiu. Falei para fotografar os oxês: deu-me licença mas quando me dis-

punha a leva-los para a luz, negou-se e por fim me disse que deixasse aquilo para outra vez.

Mostrei desejo de tirar o seu retrato. Adão negou-se quasi espavorido. "Não gosto que tirem o meu retrato", disse como desculpa. Creio que essa recusa tem motivo na interpretação do primitivo que tem medo de morrer pelo fato de deixar um desconhecido tirar-lhe o retrato. Frazer, citado por Otto Rank (6) observou que entre varios povos ha o temor de tirar uma fotografia. Ele o constatou entre os selvagens. É que o primitivo vê no retrato uma manifestação da alma. Nina Rodrigues assinala que o negro receia que uma parte da alma do homem seja absorvida pelo retrato (7). Para o negro sendo a alma do individuo representada por sua imagem ha o temor de que em mãos extranhas sirva essa imagem para uma pratica magica que o exponha a alguma desgraça.

As festas religiosas no terreiro de Adão são realisadas em datas especiais do ano.

---

(6) Otto Rank, A DUPLA PERSONALIDADE, trad. bras., Rio, 1934, pag. 139.

(7) Nina Rodrigues, O ANIMISMO FETICHISTA DOS NEGROS BAHIANOS, Bibl. de Divulgação Scient., 1935, Rio, pag. 59.

As invocações aos orixás são cantadas nos seus toques na ordem seguinte:

1) — *Exú*
2) — *Ogum*
3) — *Oxê-ossí* (que é o mesmo *Odé*)
4) — *Otim*
5) — *Iroco*
6) — *Oxú-marí* (arco-iris)
7) — *Abaluayê* (S. Sebastião)
8) — *Nanan-burucú* (encantada dagua, mãi do *Abaluayê*)
9) — *Yê-uá* (outra encantada dagua)
10) — *Obá* (N. S. dos Praseres, santa guerreira)
11) — *Oxum* (dona da agua dôce)
12) — *Yemanjá* (dona do mar)
13) — *Yamassí*
14) — *Dadá*
15) — *Baianêñyn*
16) — *Onanminhã* (pai de *Xangô*)
17) — *Xerê*
18) — *Xangô*
19) — *Oyá* ou *Yamessan* (Sta. Barbara)
20) — *Orixá-lá* (pai de todos os santos)

Falando sobre *Exú*, divindade inquietante, disse-me Adão: "falam que nas seitas africanas se faz bruxaria adorando o diabo. Isto não é verdade. Bruxaria assim quem faz não é o negro,

é o portuguez e o indio. Veja: donde é que vem o Livro da Feiticeira e o Livro de S. Cipriano? Nós não adoramos o diabo. É verdade que temos *Exú*, que foi como um anjo que se perverteu, justamente como na religião catolica, que representa a mesma cousa que a nossa para o branco. Mas não adoramos *Exú*. Procuramos é satisfaze-lo, acalma-lo, para que ele não venha atrapalhar as coisas, não faça mal".

Não conseguí apanhar as toadas cantadas no terreiro de Adão. Cantam muito depressa, são pouco repetidas e fóra do toque ele sempre se esquivou de canta-las para que eu as copiasse. A pouca frequencia dos seus toques, que são raros impediu-me de trazer neste trabalho alguma toada que fosse do seu terreiro. No ultimo toque que aí assisti quando se iniciava a toada "salvando" *Obá*, Adão mandou que os convidados se levantassem até o final da salvação.

Para cada toada ha um jogo especial de mãos e uma cadencia especial nos "ilús". Forma-se o circulo com os filhos de santo, negros de todas as idades, mulatos, crioulos. Ao centro, todo vestido de branco, ao envez do paletó uma camisa ampla abotoada até o pescoço, descendo até os quadris,

usada por fóra das calças, está o pai do terreiro. Ele tira as toadas, os "ilús" batem, e só então os filhos respondem, iniciando a dansa ao redor. Dansam todos em volta do babalorixá, que dá o ponto, os gestos, imitados por todos. Os braços são levantados para o alto nas invocações, atirados para os lados, ao chão, os quadrís se mexem num volteio mais ou menos lento que se vae acelerando aos poucos com o ritmo dos "ilús". O circulo gira ao redor do terreiro, as toadas sobem noite a dentro, o ritmo alucinante enche o ambiente.

Terminada uma toada param os "ilús" e a dansa. O pai de terreiro tira então a toada seguinte que é escutada em silencio e respondida com a marcação dos adufos.

Neste terreiro de Adão nunca presenciei uma quéda de santo. É dificilimo. O escrupulo de Adão não permite mistificações. Passa-se ano inteiro sem que um dos filho sequer manifeste o orixá.

Adão, tirando as toadas, tem atitudes de mistico profundo. Sua fisionomia se anima de felicidade e de beatitude.

Com a saudação a *Orixá-lá,* que é considerado o pai de todos os orixás (uma especie de Pai Eter-

Fig. 4 — *Babalorixás Oscar, Anselmo e Apolinario*

no ou Espirito Santo, explicou-me Adão) termina a cerimonia religiosa.

Fui informado e obtive confirmação de que Adão não exercendo outra profissão qualquer (a maioria dos babalorixás do Recife são pintores, pedreiros, carpinas, etc.) gasta, todavia, só de despesas caseiras 30$ por dia. Essa situação folgada em que vive tem sua explicação na pequena renda do seu sitio, nos presentes (eu o vi receber um grande perú "para Xangô"), donativos de pessoas que lhe vão pedir conselhos, solução para seus casos, receitas para máo-olhado, sua clientela credula. Um portuguez, grande comerciante de calçados nesta cidade, o sr. J. A. F., desesperançado de obter cura para a sua doença, se deixou levar por um negro seu conhecido á presença de Adão. Não consegui saber a que praticas ele se submeteu, mas que abandonou o tratamento após a primeira visita ao terreiro.

Adão se gaba de ser o unico babalorixá no Recife que fala lingua nagô. Da ultima entrevista que tive com o pai de santo obtive o vocabulario que apresento:

1 — ceu *olorum*
2 — terra *ilé*
3 — mar *olocum*
maré *ossá*
4 — sol *ourum*
5 — lua *oxú-pá*
6 — rei *obá*
7 — estrela *iraé*
8 — arco-iris *oxum ma-rí*
9 — homem *ocurim*
10 — mulher *ôubirim*
11 — menino *ô-madê*
12 — casa *ilê*
13 — minha mulher (esposa) *obirimim*
14 — mesa *tapacê-tafin-gueu*
15 — gato *ôlôfú*
16 — perú *telou-telou*
17 — pato *péqueié*
18 — roupa *achó*
19 — chapeu *aqueté*
20 — sapato *batá*
21 — cabeça *orí*
22 — olho *ejú*
23 — nariz *imum*
24 — boca *énum*
25 — orelha *itú*
26 — labio *èêtê*
27 — queixo *iban*
28 — nuca *i-pacó*
29 — peito *aiá*
30 — ombro *êigicáa*
31 — braço *ápá*
32 — mão *oúó*
33 — penis *ôquou*
34 — testiculo *cépan*
35 — cabelo *irum*
36 — dente *éfin*
37 — unha *ê-cana*
38 — coxa *itan*
39 — perna *itan-essé*
40 — pé *essé*
41 — nadega *idí*
42 — vagina *êbeu*
43 — coração *hó-can*
44 — amor *ifé*
45 — saudade *modá-rué*
46 — burro *queté-queté*
47 — cavalo *éxim*
48 — boi *malú*
49 — vaca *abou-malú*
50 — cachorro *adi-iá*
51 — cabra *êuré*
52 — bode *oubi-có*
53 — carneiro *abú*

54 — ovelha *agutan*
55 — porco *ledé*
56 — macho *acó*
57 — femea *abou*
58 — bebida *óti*
59 — " de cor *oti-dudú*
60 — bebida branca *oti-funfum*
61 — café *êmi-dudú*
62 — assucar *ió*
63 — sal *ió-obé*
64 — faca *ó-obé*
65 — faca de ponta *obé-nuxo-inxô*
66 — agulha *aberé*
67 — linha *ôú*
68 — côco *aban*
69 — banana *óguedé*
70 — arvore *iguí*
71 — comida *ôuingúê*
72 — bom dia *ôguirê*
73 — como vai? *ararecolê?*
74 — bem *adupé*
75 — que fim levou? *oucuatidio*
76 — faz tempo que não lhe vejo *oupué-meti-rié*
77 — como vai sua casa? *ilê-ré-un-có?*
78 — como vão os meninos? *a uan madê?*
79 — adeus *oucu-ou*
80 — pai *babá*
81 — mãi *iá*
82 — filho *ô-man*
83 — santo *orixá*
84 — boa tarde *oquá-san*
85 — bôa noite *oquá-lé*
86 — anoitecer *irolé*
87 — madrugada *niforé*
88 — noite *alé*
89 — dia *ossan*
90 — cadeira *idiôçou*
91 — banco *aputi*
92 — bigode ou barba *irum-ban*
93 — mãi pequena *iá quequerê*
94 — zelador *équéde*
95 — tambor *ilú*

A ORIGEM RELIGIOSA DO MARACATÚ

Adão, falando sobre o Maracatú, contou-me que ha muitos anos, no tempo de seu avô, os negros de todas as nações que havia no Recife, se reuniam em certas epocas do ano na porta de igrejas e dansavam muito. Na ocasião de se despedirem da dansa diziam: "MURACATUCÁ", que quer dizer: vamos debandar. Os estudantes gostavam muito de assistir aquelas dansas e, ouvindo sempre essa palavra, engendraram, com negros mesmo, uma dansa semelhante, chamando-a MARACATÚ, que lhes parecia ser o seu nome. As figuras do rei e rainha do "maracatú" já existiam. Não que fossem rei e rainha de festa de carnaval, mas rei e rainha dos escravos da sua nação e naquela epoca tinham até o titulo dado pela policia.

Hoje em dia sendo o maracatú associação carnavalesca, conservam no entanto a tradição de, antes de qualquer passeio pelas ruas da cidade, render homenagem a N. S. do Rosario, dansando na porta das igrejas.

NO TERREIRO DE ANSELMO — O TOQUE — A INICIAÇÃO DO "OGAN" — "DESPACHOS" — A HISTORIA DA GALINHA DE OIÁ — VOCABULARIO VARIAS INVOCAÇÕES

Tive noticia de que na noite de 13 de Maio, Anselmo ia dar um toque dedicado a um seu *Ogan*, ogan de *Ogum*.

Cerca de 2 horas da madrugada, alcancei a rua da Regeneração, areial interminavel lá para os lados de Agua Fria. Depois de longa caminhada noite a dentro, a terceira entrada do lado esquerdo, lá ao longe o riacho que se atravessa sobre dois troncos de coqueiro, a ligeira subida em rampa a direita, quasi ao fim do caminho a casa de taipa coberta de zinco.

Estavam saudando os encantados. O Ogan de Anselmo é quem tirava as toadas. O pai do terreiro, junto dos adufos, tocava o agogô. Negros e mulatos, entre eles crianças, formavam o

circulo. A sala iluminada por uma lampada a alcool, o tecto todo decorado com bandeirinhas de papel colorido.

As toadas tiradas pelo Ogan eram repetidas:

Ogum daquérá
queriaê
Ogum daquérá
queriaê

Os adufos param, terminada a toada. O Ogan, no meio do circulo, canta outra, o batuque

se reinicia com outro ritmo, as dansas em volta da sala, repetida a invocação:

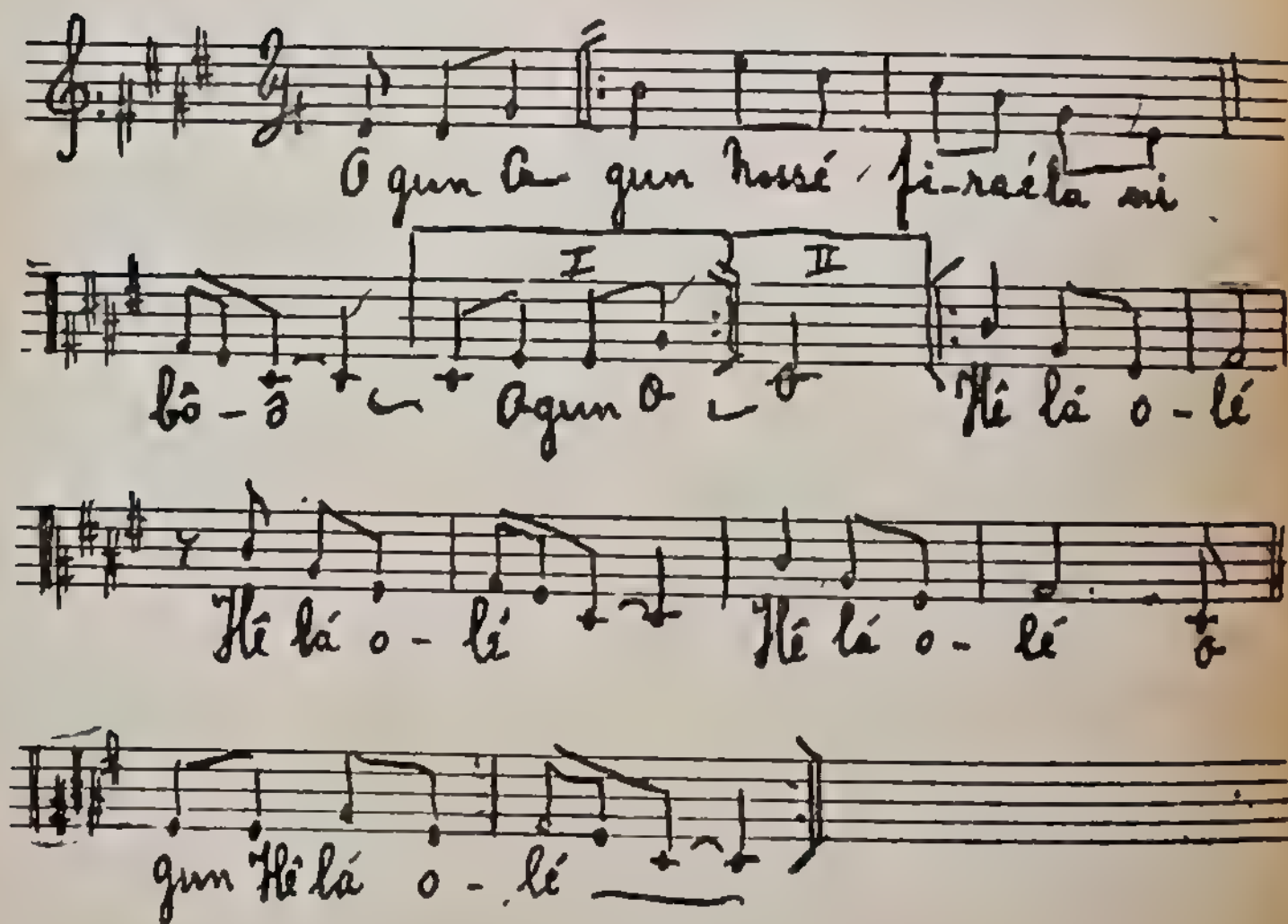
Ogum iá manguê
Ogum iá manguê
Alalerejá Ogum já manguê
Alalerejá Ogum já manguê
Obigêe!
Ogum!

Segue-se, quasi sem intervalo, nova invocação:

Nanã a godé a godé
Ogum bê a sanan bê
Ogum bê a sanan bê
Ogum bê, Ogum bê
Ogum a lodô
Abá in nagô
Ogum ou balê
Ogum a olodê
Abá in nagô

Os adufos emudecem novamente. As dansas cessam por um momento, todos se conservam nos seus logares. Nova toada a Ogum é tirada pelo Ogan. Os adufos batem forte, os filhos do terreiro jogam com os braços para os lados, para

a direita e para a esquerda, gingam com os quadrís. Cantam:

Ogum Ogum
Nossefira élá nibô
Ogum Ogum
Nossefira élá nibô
Hê lá olé
Hê lá olé

A saudação a *Ogum* continua com as toadas:

Ogum dê arerê
Ain nein le rou laborô

maderê
maderê
Ain nein le rou jaborô
maderê
maderê
Ogum dê!
Ogum de criolô
Uayê Uayê
Ogum de criolô
Uayê Uayê

Sapatá sussurê
Nossa filha é mangê
Ogum de criolô
Nahora agô ilê
Nahora agô ilê
Ogum jobi
Nahora agô ilê
Nahora agô ilê
Do pê
Nahora agô ilê
Nahora agô ilê

O circulo acelera seus movimentos. Uma filha do orixá cai em estado de santo. Inicia uma dansa barbara, de movimentos indescritíveis, rodopiando no centro do circulo. Tem uma fisionomia de alucinada, agita os braços para o alto. O Ogan canta a toada:

Odé, bombá yê
Nahora agô ilê libê
Ogum biná
Nahora agô ilê
Nahora agô ilê
Ogum alô ilê
Ogum hê!

A possessa agita agora os braços em movimentos ralentisados. Joga com a cabeça para a frente e para traz, junta as mãos que tocam a cabeça e descem á borda da saia. Volta-se para o pai do terreiro, que já não bate o agogô, atira-se aos seus pés. O babalorixá a levanta, a mãi pequena e a ilaís levam-na para o Pegí.

O Pegí do terreiro de Anselmo é bem menor que o de Adão. Estava iluminado a velas, os mesmos fetiches-deuses e objetos encontrados nos demais, no pequeno altar de tres degraus. Na parede, estampas de santos, Jesus Cristo, São Sebastião, São Jorge, N. S. da Conceição. De extraordinario havia, num velho caixote de kerozene fechado com uma grelha estreita de madeira, uma cobra grande viva. Sei que entre os gêges havia o culto da cobra-deus. Anselmo excusou-se de explicar a presença da cobra, limitando-se a dizer que era muito bom para o terreiro tê-la ali.

As dansas no terreiro continuam. O Ogan tira a toada:

Mariou ou
Aúde barou
A ginginhã

O côro dos filhos do terreiro responde a louvação, que continua:

Mambá mambá
Si-bá-lé-riou
Ou nirê sarêuá
Ou nirê!

Anselmo, que agora está ao meu lado, explica-me que o cantico pode ser traduzido assim: "meu Ogan está se louvando nesta casa — o meu anjo da guarda". Diz mais que a toada pede a retirada dos santos.

As cantigas continuam com um ritmo mais doce:

Tutú Ogum mayê
mayê

Lá no ayê ou ou
Lá no ayê ou ou

Anselmo explica-me que quer é dizer: "lá no céu está Ogum, lá em cima".

Um intervalo interrompe as dansas. Coisa de dez minutos recomeçam, com invocações a *Xangô*:

Xangô jôá
Micojóá
Jambelê

Anselmo diz a tradução ao meu ouvido: "*Xangô* venha e se sente junto de nós todos". Explica: a toada pede forças a *Xangô.*

Gingolá
Alen quê
Gingolá

(venha para cá, para nossa casa — traduz Anselmo).

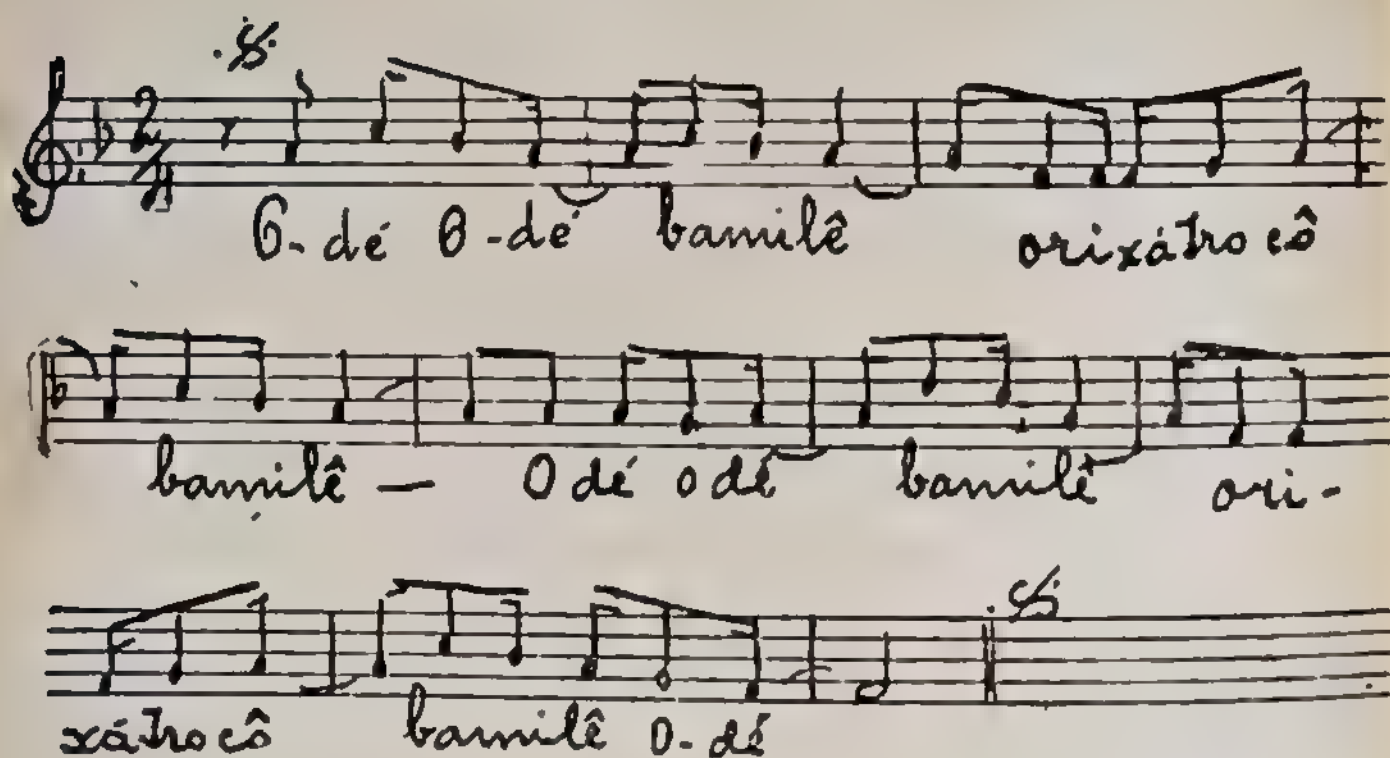
Xangô de criolô
Uayê uayê
Xangô de criolô
Uayê uayê

Sapatá sussurê
Nossa filha é magê
Xangô de criolô

(Esta toada tem a mesma musica que uma anterior a *Ogum,* mudando na letra apenas o nome do orixá).

O Ogan tira a toada que "salva" Iroco. Perguntei a Anselmo se ele adorava aquela entidade

no seu territorio. Ele respondeu que sim mas que não tinha a gameleira na visinhança. Poris- so o seu Ogan abria a toada por meio de *Odé* que é caçadora e está sempre na mata:

Odé Odé
Bamilê
Orixá Irocô
Bamilê
Odé (8)

(8) Musica apanhada por especial gentilesa do senhor Miguel Barkokebas. — Tendo mostrado ao babalorixá Adão esta toada, ele me disse estar Anselmo errado: não era «Orixá Irocô», mas «Orixá-Ocô», (deus da agricultura), que se deveria dizer. Acrescentou que essa toada não podia ser de Irocô porque ao «pau sagrado» não se chama de orixá.

Odé Odé
Didé nabá
Orixá Irocô
É um abaô
Ou didé mafá
Ou mi orixá Irocô
É um abaô
Ou didé ô
Ou didé mafá

O circulo se movimenta mais apressado, os adufos aceleram o ritmo da marcação. Ouve-se:

Abá outi nc bê
Abá ou Abá ná
Ou qui lô xê
Ensariô
Babá in nagô

Pergunto a Anselmo porque aquela toada com marcação completamente diferente. Ele diz que se interroga si é Xangô mesmo. Perguntei porque motivo e ele me apontou a *mãi grande* que começava a respirar forte e agitar os braços, salientando-se dos outros. "Seu santo é Xangô, parece que ela vai cair com o santo, só pode ser

Xangô mesmo, mas por causa das duvidas o Ogan pergunta si é", disse-me Anselmo.

A *mai grande* entrou a dansar furiosamente, os adufos dão cadencia cada vez mais apressada. Uma toada a Xangô é tirada pelo Ogan. Duas *ilais* enxugam de vez em quando a manifestada. Sua dansa já vai a uns trinta minutos, depois dirige-se a mim e me abraça para a direita, depois para a esquerda, olhos vidrados, fungando com o nariz, fazendo caretas, abraça em seguida meus companheiros de visita. Volta ao centro do circulo. Os filhos do terreiro param de dansar. Os adufos continuam a bater, as toadas se elevam. Todos se aproximam agora dos tocadores de adufo. Vejo o relogio, são 4 horas da manhã. Aquela cerimonia eu já tinha assistido no mesmo terreiro. A manifestada faz caretas extraordinarias, alonga os labios em bico, dansa quasi parada, remexendo com os quadris. Estende as mãos em concha para todos nós, recebe moedas de todos os valores. As mãos já estão cheias, ela atira as moedas aos pés dos tocadores de adufo. Volteia rapida, braços abertos, corre em volta do circulo agora bem estreito e parado. Respira forte por muitas vezes, fungando com o nariz. Abre

Fig. 5 — *Seita africana «São Jeronimo», do babalorixá José de Almeida (foto do Autor)*

os olhos amortecidos, responde para Anselmo que as visitas já podem sair porque o santo já se foi embora.

O candidato a Ogan no terreiro de Anselmo passa oito dias deitado no Pegí, quasi sem se mexer, para receber os *axê,* preparados com as folhas de mato especiais. Com essas folhas machucadas, o babalorixá faz um banho para a cabeça do futuro Ogan, cantando as toadas do santo que o jogo dos pequenos buzios marcou (o babalorixá joga sobre a pele dum adufo quatro buzinhos, pedindo aos orixás que digam, um por um, se algum deles quer baixar no Ogan para livra-lo de inimigos, de malfazejos, de arma branca e de fogo, de qualquer feitiço. Pela forma como os buzinhos caem, virados para baixo ou para cima sabe-se qual é o santo que tem gosto em baixar). Findo o tempo de repouso no Pegí, sabendo-se qual o seu santo, tendo recebido os seus banhos na cabeça acompanhados das toadas ao orixá, assiste na igreja a cinco missas, cinco dias seguidos, e então é considerado Ogan do culto; então dá uma festa (toque) fazendo todas as despesas.

Anselmo diz que faz "despachos" e por meio de sacrificios pode evitar, por exemplo, o mal que

um inimigo possa fazer. Para isso deve-se comprar um galo e leva-lo ao terreiro. Ele faz o sacrificio da ave a Exú ou a Ogum. Exú é um irmão alvoroçado de Ogum. É filho rebelde na familia. Ha quem o queira comparar ao diabo. Explica que a vida de Exú foi sempre andar pelo mundo fazendo mal aos outros. Mas é um deus poderoso porque é o cavaleiro de todos os orixás, dá recados e leva recados.

Diz Anselmo que as estradas têm dono e assim tambem se pode botar na estrada um despacho ou ebó, que atúa sobre o deus dono da estrada que é um encantado. Ele recebe o sacrificio e satisfaz o pedido.

Anselmo assevera que os seus despachos so visam fazer o bem. Seu "pai", lá na Baía, lhe fez jurar só fazer o bem com os seus poderes de babalorixá. Assim livra de máo-olhado, de faca, de tiro, de catimbó.

* * *

Mostrando-me uma estampa de S. Barbara (Oiá), Anselmo contou-me a historia da galinha de Oiá, que apresento com suas palavras:

"Oiá criava muitas galinhas bonitas e gordas. Quando N. S. Senhora estava de resguardo do parto de Jesus, disse que estava com vontade de comer uma galinha. Uma santa que era antes muito pecadora, mulher perdida, ouviu essa conversa e não teve duvidas: roubou uma galinha e mandou de presente a N. Senhora. N. Senhora não sabia de quem era o presente e ficou muito satisfeita. Quando Oiá deu pela falta da galinha, não sabendo como foi, começou a dizer:

Ê minha quiquoé
Ê minha quiquoé
Ah hê haboadié
Uayê min sin sin
Uayé min sin sin
Uayê min sin sin

estas palavras de Oiá então foram cantadas como toada té hoje".

* * *

Conseguí de Anselmo alguns vocabulos do dialeto da sua nação, que ele aprendeu com seu pai na Baía:

1 — *Uayê* ceu
2 — *Ualê* terra
3 — *Uaboadié* galo
4 — *Ilê* ou *quê* casa
5 — *Ocurim* homem
6 — *Mobirim* mulher
7 — *Aquiquoié* galinha
8 — *Aledé* porco
9 — *Patapá* burro
10 — *Exi* cavalo
11 — *Efô* gato
12 — *Apepeé* pato
13 — *Agé* comida
14 — *Otim-dudú* vinho tinto
15 — *Otim-fim-fim* bebida branca
16 — *Epô-nagô* azeite dendê
17 — *Achó* roupa
18 — *Ubatá* sapato
19 — *Aqueté* chapéo
20 — *Fin-fum* homem branco ou coisa branca
21 — *Omin-dudú* café
22 — *Obá* rei
23 — *Pipá* vermelho
24 — *Malú* boi
25 — *Ió* sal ou assucar
26 — *Efum* farinha
27 — *Afilaf* gorro
28 — *Ajá* faixa
29 — *Obé* faca
30 — *Eguí* carvão
31 — *Ojú* olho
32 — *Orí* cabeça
33 — *Alessé* pé
34 — *Acocorô* bicho
35 — *Putí* banco
36 — *Ajôcô* mesa
37 — *Tolutolú* galinha da guiné; pode ser tambem perú.

No terreiro de Anselmo, em toques anteriores, conseguí apanhar as toadas:

Louvação a *Abaluaiê*:

Ajanuma ô nirumba
Um é ô nirumba
Ajanuma côsi lê
Um é ô nirumba
Ajuê a ô nirumba
Um é ô nirumba
Sapatá é ourixa
É um é ô nirumba
É um é ô nirumba

Cantico a Orixá-lá, pedindo *Achó* e *Ilé*:

Orixa-lá dê achó ilé
Odô-nilé u-ilé
Odô-nilé u-ilé
Odô-niqui nicó
É ô Orixá-lá lá no fé-baum
Angó oman xêxê
Angó oman xêxê
Egô uala egô ualá.

Toada a Sant'Ana:

Onãnã ô ná
O-á-ô-á-ô nã-ô-á

Toada chamando os orixás:

Ogum nitô cô bá olê marô
rolarolé
rolarolé

Louvação:

Onicá orixaquí quan naigé êranexí
Onicá odolôrã
canigé aracutã
Atetú
cadê olê-nã
Onicá si-ri-rerô-obô
sua-rami Orocô aêmiúa
Omin uá ô-cô êmará ou cô
Omin uá ô-cô
Omin uá ô-cô êmará ou cô

Toada pedindo aos *orixás* feijão, agua, milho, etc.:

Marô mi maió
Marô mi maió
Marô mi maió e abaô
Uarê uê e abadô
Uarê uê rérê

NO TERREIRO DE APOLINARIO — O TOQUE — CALENDARIO RELIGIOSO — TOADAS

Meu confrade R. Ribeiro descreve um toque no terreiro de Apolinario, no relatorio que transcrevo:

> "Visitamos hoje a seita africana Santa Barbara, localisada á rua Francisco Berenger 147, Encruzilhada. Apolinario Gomes da Mota recebeu-nos á porta, levando-nos a seguir para vêr o mez de Maio tirado por suas filhas e que já ia em meio. Na sala da frente estava armado um vistoso santuario decorado a branco e azul, encerrando duas virgens da Conceição. Todos já com vestes proprias do Xangô, entoavam hinos catolicos á virgem. A seguir passaram ao terreiro iniciando-se o toque. O babalorixá mostra-nos a decoração daquele: 2 bandeiras inglezas, pregadas á parede, encimadas por outra menor, brasileira, têm em seu angulo inferior um escudo dividido em quatro partes. Na primeira um olho, logo um livro, na terceira um pilão e na quarta um homem.

Explica-nos ele: "olhe e leia o pisar deste homem. Este homem aqui quer dizer Xangô". "São os distintivos do meu terreiro".

No seu pegí ha uma abundancia de quadros de santos catolicos. Apolinario rege a preparação com toques isolados dos atabaques emquanto as filhas aguardam caladas. Ele e a mãi pequena tiram as primeiras toadas. Inicia-se o circulo movel, cumprimentando cada filho o babalorixá, sua esposa e mãi pequena. Muda-se o ritmo e iniciam a salvação a Ogum: "Ogum magê... etc.", com o bambolear dos quadris e as flexões dos braços. A grande maioria dos presentes é mestiça. Acelera-se o ritmo, sempre em salvação a Ogum. Não utilisam o agogô. Toada a Odé Abalogum... "Odé Odé, bamilê".

A primeira queda de santo se deu meia hora após o inicio do toque. O filho sentou Oxum. Vem nos cumprimentar, seguindo após para o pegí. Iniciam a salvação a Yemanjá e depois a Omolum. A segunda possessão é num filho. Salta e rodopia. A seguir ergue-se e inicia os cumprimentos.

Iniciam a salvação a Nanambrucú — "Sou eu malá... sou eu malá oê..." A esposa do babalorixá senta o santo e tira a mãi pequena de uma cadeira, envolvendo-lhe o pescoço. Seguem depois para o pegí.

Após um intervalo, um dos assistentes começa a dansar desordenadamente, tenta depois despir o pa-

letó e a camisa. E' logo "preparado" e trazido para o centro da sala. Sentara Oxum...

Salvam Xangô todos ajoelhados, fronte baixa, mão na testa. Um dos filhos dá saltos e estende os braços para o alto, tocando o papel crespo do tecto. "Veja que xangô o desse menino!" — diz-nos jubiloso o babalorixá. "Adão ficou besta!", conclue. Em voz baixa recomenda-lhe afastar-se do centro do terreiro para não tocar a lampada eletrica. Outro senta Xangô. Uma das filhas ao sentar Xangô, gesticula demonstrando estar de "barriga cheia".

Continúa a salvação a Xangô. Decresce de pouco a pouco o fervor. O toque torna-se mais compassado, os movimentos lentos no circulo. Já tarde, uma filha de outro terreiro, branca, senta seu orixá. Dansa de modo mais comedido.

Entoa-se o amalejá. "Estamos despedindo dos orixás", explica Apolinario e todos vão se retirando rumo ao pegí e aos comodos da casa. Levantam-se os tocadores e fechando a fila são os ultimos a retirar-se do terreiro.

Apolinario exerce ainda funções de curandeiro. Uma das suas filhas vem a ele queixar-se de dôr no ouvido. O babalorixá espalma a mão e muito seguro apoia o polegar por traz do pavilhão auricular da filha, iniciando uma leve massagem. Depois um sopro e de nada mais se quiexa ela. (A.) R. Ribeiro. Auxiliar-tecnico".

Neste terreiro de Apolinario, em 1934, consegui apanhar algumas toadas, o seu calendario religioso nos toques a que assisti.

As festas dos *orixás* no correr do ano: 1.ª festa de *Abaluaci*, a 20 de janeiro; 2.ª de *Pascoa*, em dias de Março; 3.ª de *Yemanjá*, em Maio; 4.ª de *Xangô*, em Junho; 5.ª de *Sant'Ana*, Julho; 6.ª do *Inhame*, em Agosto; 7.ª de *SS. Cosme e Damião*, em Setembro; 8.ª, de *Baguirí*, em Outubro; 9.ª de *Odé*, em Novembro; 10.ª do Natal, em Dezembro. Completa 15 festas ao todo, 10 marcadas e 5 por aniversarios dos filhos do terreiro.

Toada a *Oxum*:

Iabá oaijabê
Oiram deôutô
Oiram deôutô
Mamã

a *Yemanjá*:

Acarilêlá de bomi maocarê
Acarilêlá de bomi no axirê
No aoiá
Aônirê acarilêlá
De bomina axaré

a *Xangô*:

Ei Xangô
ei ei ei
O orixá

a *Odé*:

Aroulê côque
Milo de enifabô
Odé aroulê
Famerê cofomorê cê
Onifadê

a *Abaluaê*:

Pacô baiá
Baiá mixoquê ajú
Baiá onixanerê
Biá onixoquê ajú

a *Nanã-bôrucú*:

Nanã eu á
Nanã eu á ê
Nanã eu á
Eu-iê uiê lodô coiá
Nanã ou iôiô
Ou arê ou lodô
Coiá ou arê ou lodô coiá

a *S. S. Cosme* e *Damião*:

Beijinho e bolorou
E-uá lê cê } bis

NO TERREIRO DE JOANA — O TOQUE

O dr. Pedro Cavalcanti acompanhou-me na visita ao terreiro de Mãi Joana, numa noite de junho do ano passado. Estavamos convidados para um toque de aniversario.

A sala da frente, caiada de novo, ostentava estampas de Jesus Cristo, São Sebastião, S. S. Cosme e Damião.

O toque teve inicio logo que chegamos. Já fazia tempo, no entanto, que os adufos batiam alternadamente, cousa que escutei de longe, como que chamando os filhos do terreiro á cerimonia que se ia realisar.

Este terreiro em sua disposição nada difere do de Anselmo, padrão para o dos pequenos babalorixás. Na parede principal, um quadro com um sereia saindo do mar: *Yemanjá.*

Mãi Joana dispoz os filhos em redor da sala. Tirou a toada:

Ogum cantou bou
A lei mariou lê lá ré
Acorou cotobô
A lei mariou lê lá ré

Os adufos iniciam a marcação; o circulo se movimenta, como resposta os filhos do terreiro repetem as palavras da mãi de santo.

Ogum foi salvado em primeiro logar. Seguiu-se a louvação a Omolú:

Omolú ou pá que rou a ou
Opené'e de arlou a ou
Ponepé do á-r

A toada de Ochum, marcada agora por um ritmo mais sincopado, foi tirada pela Ialorixá:

Omó do bedú
Orérê ourê rériou
Mobodú ouré reriou
Orei rô mirê Ochum

Os adufos batem alto, o batuque é lento mas penetrante. As dansas continuam, os corpos se

balançam para os lados, as mãos se sacodem para os lados, como uma marcha a "canard".

Subito, pela porta aberta entra uma mulher vestida de branco, colares amarelos no pescoço, numa carreira louca, atravessa a sala, entra no circulo, atira os braços para a frente e para o alto numa dansa desordenada. Os adufos aceleram o ritmo. A *mãi pequena* e a *ilais* andam em redor dela, enxugam-na de vez em quando com uma toalha branca e amarela.

A dansa muda a cadencia, a manifestada toda crispadas dirige-se á *mãi do terreiro,* faz o adobalê aos seus pés, é levada ao Pegí em seguida (9). (Esse Pegí de mãi Joana é dos mais pobres que já vi. Tem muitas estampas de santos catolicos, muito mais mesmo que simbolos de encantados da Costa).

---

(9) Mais tarde soube que essa mulher estava engomando o seu turbante, apressada para ir ao terreiro. Quando ouviu de longe o toque do seu encantado este «caiu-lhe a cavalo». Deixando tudo, numa carreira louca dirigiu-se ao terreiro distante uns quinze minutos da sua casa. — Informação prestada por uma sua visinha que lhe veio atraz «por causa da força do santo».

No Pegí, está coberta de suor, tem as extremidades frias, o pulso acelerado, a respiração curta e rapida. Desperta algum tempo depois, admirada de estar ali.

Mãi Joana tira a invocação a *Yemanjá*:

Odé oreçô nó quiée Yemanjá
Oportá le bê
Oiuá oiô tê ofininí lá chorô ô é
Achô rê aêe ô torrô fimim
Iachô rê-é-ú-é

Os adufos cadenciam um ritmo diferente ao batuque. Já os gestos são diferentes. A mãi do terreiro canta:

Obacuarêuá o poée xê kutú
Kutú lá ô-dé impê ô bá ora rê uá
Obacarêuá ô bá poéo xé kutú
Kutú lá O-dé impê ô bá ora rê uá

É a toada a Bacuçou, diz-me ela, agora fóra do circulo, num dos angulos do terreiro. Perguntei-lhe o significado. Respondeu que não sabia: "naqueles tempos os pais de santo não ensinavam..."

As invocações voltam a ser repetidas nesta ordem: Ogum, Omolú, Ochum, Yemanjá e Bacuçou, até o final do toque, adufos batendo em lise á entrada do Pegí.

Fig. 6 — Exú (*Terreiro de Pai Rosendo*)

NO TERREIRO DE MARIA — UM AGUIRÍ DA COSTA

Sobre a seita africana Senhor do Bomfim, na rua da Mangueira, em Campo Grande, dirigida pela Ialorixá Maria das Dores da Silva, Pedro Cavalcanti forneceu ao S. H. M. este relatorio:

> "Esta seita deu uma festinha na noite de 18 e tarde de 19, em homenagem a Santa Barbara. O toque esteve animado, decorreu na maior ordem e logrou a presença de grande numero dos filhos de Mãi Maria.
>
> Emquanto lá estive não houve nenhuma queda de santo. Em compensação vi uma coisa inedita: parte da cerimonia para "sentar" Oxum. No Pegí encontrei deitada, cabeça recostada á parede, uma mulher que ia se iniciar na seita. Estava de olhos semi-cerrados, palida e bastante suada. Cobria-lhe o corpo um lençol amarelo. No Pegí conversei com Mãi Maria, demorei-me alguns minutos e a mulher-sinha não deu acordo de mim. A mãe do terreiro

falou: "vai entrar na seita e está aqui para sentar Oxum. Tem que passar algumas horas no Pegí. Está vestida de amarelo porque esta é a cor do santo". O pegí de Mãi Maria não se diferencia dos que vimos noutros terreiros. Não tem "santo" de vulto.

Pai Rosendo, de quem Mãi Maria é filha, estava na festa e, a meu pedido, mostrou-me o aguiri da Costa pelo qual já enjeitou dois contos de reis. O aguiri livra de todos os perigos áqueles que o trazem debaixo do braço direito. Mas não só livra como dá sorte tambem. O aguiri consta de tres pequenas caixas de couro em forma de pentagono, unidas por um cordão. Dentro das caixinhas é que estão os "preparos"... (a.) Pedro Cavalcanti. Auxiliar-tecnico".

ALMEIDA — SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O CULTO — QUITUTES AFRICANOS — MITO DE XANGÔ — TOADAS

O babalorixá Almeida, em carta que me escreveu, conta a sua formação religiosa:

..."sobre a Seita Africana São Jeronymo declaro que conheço a seita africana desde 1901, em casa dos meus pais, que eram filhos legitimos de preto da costa, da nação gêgi, vindo eu a ser neto. Lembro-me muito bem que existia em Recife grande quantidade, sendo sua maioria do sexo femenino e algumas tinham compartimento no mercado e outras vendiam nos pés de escadas e moravam, a maior parte, em São José, nas ruas da Detenção, Santa Rita, Nogueira, do Peixoto. Eram muito unidos e quando em dia das obrigações se reuniam em casa dos meus pais em tres partes nagô, gêgi e alufa. Eram dispostos ao trabalho, faziam muitos quitutes africanos, como fosse efó, quer dizer bredo cuzido temperado com camarão

e azeite dendê, omolocú, quer dizer feijão macaça bem cozido e machucado com camarão ralado e castanha e azeite dendê com ovos cozidos discascado e inteiro que se enfeita; olélé, é o mesmo feijão posto de molho discascado e ralado em pedra apropriada, batido feito bolo e depois posto em panela nova tendo uma grade de pau para ser cozido pelo vapor da agua; com esta mesma massa se faz o acará, sendo frito em azeite dendê e se dá o nome de filhoes; e outros mais. O nome de Xangô é de um santo forte, forte digo porque era ele santo chefe de uma terra, filho de uma santa rainha a que se dá o nome de Yemanjá e filho de um santo rei a que se dá o nome de Orixá-lá, daí seguir-se a superioridade deste ultimo santo e distinta porque ele é velho e é pai e tem puder para os demais santos. Ele usa branco, não come sal nem azeite dendê. É um santo calmo e paciente e os outros santos curvam-se a ele. As pessoas que pertencer a este santo tem que cumprir as exigencias que o santo tem. As toadas minhas são:

1.ª toada pertence a este santo:

Orixá-lá ei lei bo almunxey
ferere bis

resposta: é a mesma.

2.ª toada:

Orixa-lá didêy ou babaribou dideyou

resposta: *omiaxô parana orixa-lá dideyou*

3.ª é de Ogum:

Ogum dey xangô dey no manquei a nagô

resposta: é a mesma.

4.ª é de Xangô:

Firiman firiman, firiman baousou

resposta: *firiman alaira firiman obaousou.*

5.ª é de Eamesan:

Oia ney opariou Eamesan rou rou jocoló

resposta: *oiadey oripáquiripapá*

6.ª é de Eamesan:

Ibaiore omo oloia
bairacu dé dé mono iabá bis
monoiabá mim monoiabá camesan
bamiou oquelô da ou
bamin ou."

TOADAS DE DIVERSOS TERREIROS DO RECIFE

Assistindo toques nos diversos terreiros desta cidade, dos menores, onde a liturgia obedece, com pequenas variantes, a um padrão muito semelhante ao do terreiro de Mãi Joana, trouxe algumas toadas que apresento neste capitulo.

Apresento-as, (como todas as outras) tal como foram por mim escutadas, tratando aos seus orixás de maneira absolutamente igual á do terreiro, sem correção de especie alguma. Dessa maneira pode-se ter idéa segura da corrução do culto através do tempo, etc.,da corrução das palavras de origem.

Toadas do terreiro do babalorixá Rosendo:

a *"Abalsahê"*

Bacou baía

Baiá ou mi xáreré

a "*Olájá*"
Daqueque xorou xorou
Maninin manin
Colhê a batalhá
de oloya eu achê

a "*Oloya*"
Ô houadê houariou
A mingê rourou
Ôu gingolou
A minger rourou
Ou gingolou
A minger rourou
Ou muxangô

a "*Xangô*"
Mudupê Xangô hê hê
A hê hê Ousum marê
Hê hê ou ouxum marcrê de oxum

Toadas do terreiro do babalorixá Tertuliano Araujo:

louvação a *Exú*:
Ibara bá ou abou
Mougibá cuibaché (bis
Abou mougibá felebá Ogun lonan

louvação a *Ogum*:

Burulucan oubaou bolé
Ogum ou loujou (bis
Oboí nagô é min xéré (bis
Ogum Ogum na sefire é nabou (bis
Elavoré, elauaré, elauaré
Ou Ogum elauaré

louvação a *Yemanjá*:

Iá mombê eléa fénun-xêgam
Aviá bam euiló énin fadou
I ei balêou maió i-é-man-já
Ogum balê ou maió
Barêrá baleou maió

Toadas do terreiro do babalorixá Severino Oguiam, morador á rua da Mangaba:

toada a *Ogum*:

Acajá loní abom má sá
Ou que belo já

estribilho:

Alou acajá ou bomá sá
Ou que belo já

Fig. 7 — *Objectos simbólicos do terreiro de* Pai *Rosendo.*

toada a *Xangô agalenjú*:

Pelo manlê coaou
Epelo manlê coaou
Adoniá é ré
Epelo manlê coaou

toada a *Ossi-xabá*:

Ou fu-fu-ré ou ou quiem lesdibou
Elei fan-di-bá-bá ti baou
Ouluaei di ai ou ou rei acaú
Aou sí

toada a *Oscum*:

Tei a ou remim
Oscum asce ou tarueram

toada a *Yemanjá*:

Ogum té Yemanjá
Ogum Yemanjá Ogum
Omilá ou enirê é ni-dei-lou

Toadas do terreiro do babalorixá Oscar:

a *Exú*:

Oxuxú a gó mamam cain adaral
Cainaou bral

Bararocl xuxuajô mamam cain ao adaral
Cain a ou

Baraobébe tiriri seonan
Exú tiriri barao ô bêbe
Tiriri lonan Exú oguim a

a *Ogum*:
Ogum hoi mariou bobel
Ogum hoi mariou bobel
Ogum hoi mariou bobel

A um bobô a um toú gomel
e lê toná tá begé
a si baía odel oguim
a corvou bodel

a *Odé*:
Amalodél bailai, amalodel bailai
Otailocou coiçô amalodel coajou
Odé nintápa Odé abaira ode nintápi
Ou laira odé nintápi odé

a *Omolú*:

Omolu-pá quereuahou
Quem quejual ou o lou
Pá que rudou qubem quejual ou

a *Nanan*:

Nanan e hé Ogum mandou
Nossa fise e lesse nanan
E hé Ogum mandou basalan

a *Ochum*:

Já querer o lor dôr
Oi- eié ou já querer
O bor dôr abaceci ojáquerer e bór bôr

a *Yemanjá*:

Yemanjá Epara manjar caambe dicí
oá-amb dé-ié do caamb dé ié

a *Iasan*:

Edo-maude tan e do aiê
Aiê aiê aiê-á
Edua-cáce-ei e loá
Eloia, eloia ou

a *Xangô*:

Aquel edul aboul mutim
Arerê lodol mael ê-cá querê
Lá xocoabar olô dó má

a *Orixá-lá*:

Torio-madê Orixá-lá
Torió-madê Orixa-lá

Toadas do terreiro do babalorixá José Silva:

toada de *Amensan*

Hoiá hoiá (bis
Lamcihá fefereré (bis
Lamiché fefereré para-mar

toada a *Ogum*:

Ogum clachau marou
Orixá zougum ou mariou
Mariou mariou
Oia Ogum calachau marô-ou
Gum-gum corrourá arou (bis

toada a *Xangô*:

Xangô Ogum de loudé (bis
Ou-seu Ogum delé (bis

3

Possessão e magia

O ESTADO DE SANTO — MAGÍA — FEITIÇARIA MEDICA — O XANGÔ E A POPULAÇÃO DO RECIFE

O estado de santo observado nas cerimonias religiosas dos terreiros é um dos angulos de interesse para o S. H. M.

Nas minhas observações vê-se o estado de santo provocado no terreiro, durante a dansa, ou ainda fóra dele, em logar onde chegavam apenas a musica da toada e o batuque já amortecidos dos ilús.

No terreiro de Adão, onde as praticas são mais puras, menos dissolvidas pelo sincretismo religioso, raramente se observa uma queda de santo. O ritmo dos ilús, as musicas das toadas são, no entanto, muito semelhantes ás dos outros terreiros.

A ingestão de bebidas diversas, infusões e decoctos de hervas, entre outras a maconha, usadas em varios terreiros durante os toques, em-

quanto o filho de santo faz o seu adobalê no Pegí, pode favorecer talvez a eclosão da sindrome. Afóra as formas e processos ligados á histeria e a estados diversos de modificação da personalidade, suficientes para justifica-la.

No caso observado no terreiro de Joana, a paciente encontrava-se em sua casa, a alguns minutos de terreiro, apressando-se para ir ao toque. Ao ouvir a toada do seu orixá caiu em estado de santo. A excitação afetiva da musica da toada ao seu santo foi o bastante para lhe fazer desencadear aquele estado.

Um desenho do seculo XVI, devido a Breughel, e que fazia parte da galeria do arquiduque Albert, em Viena, reproduzido nos livros "*Vie Militaire et Religieuse au Moyen Age et à l'époque de la Renaissance*" (10), de M. P. Lacroix e "Maladies du Système Nerveux" (11) de Charcot, mostra uma procissão dansante (springprocessionen) que tinha logar por aquela epoca em Echternach (fig. 8). Parece que se observa ali um equivalente do estado de santo. Vêm-se

(10) Paris, 1873, pag. 433.
(11) Paris, 1886, tome I, pag. 459.

varios camponeses que se dirigem dansando, em fila, acompanhados de musicos que sopram fortemente seus instrumentos, para uma capela onde se encontram os restos de um santo. A procissão

Fig. 8 — *Procissão dansante em Echternach.*

de vez em quando é perturbada: os participantes tomados das crises extranhas, gesticulam, se contorcionam, debatem-se. Duas pessoas velam os

que estão tomados pela crise para que não caiam, justamente como fazem a *mãi pequena* e as *ilaís* nos terreiros afro-pernambucanos. A cena fortemente animada, deixa ver que a lubricidade não era banida naquelas procissões.

Charcot mostrando essa mesma ilustração numa das suas aulas na Salpêtrière, asseverou que era facil, á primeira vista, reconhecer que a "histeria e a histero-epilepsia tinham ali um papel predominante" (12).

No conceito de Nina Rodrigues (13) "os oraculos fetichistas ou possessão de santo, não são mais do que estados de sonambulismo provocado, com desdobramento e substituições da personalidade".

A influencia da dansa que exalta e do "batucagé" — a hipnose provocada pela fadiga da atenção — a sugestão oral, todo esse complexo agindo numa mesma finalidade.

Sobre a crise aguda de possessão, diz Arthur Ramos (14), que "a onda afetiva formidavel da

---

(12) Ob. cit., pag. 458.

(13) Ob. cit., pag. 109.

(14) Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro*, ed. 1934, Rio, pags. 197 e 198.

emoção religiosa — com todos os componentes que a ela se ligam — desempenharia papel dinamogenico de um complexo capaz de provocar a crise. Esta se manifestaria, ora sob a forma de "tempestade de movimentos" (as convulsões classicas), ora sob a forma de "reflexo de imobilisação" (estados cataleptoides)". Resumindo sua apreciação no conceito: "a possessão espirito-fetichista é um fenomeno muito complexo, ligado a varios estados morbidos". Nas formas paroxisticas, processos afins da histeria e formas hiponoicas de pensamento, comuns da histeria, dos estados sonambulicos, hipnoticos, esquizofrenicos, com modificações da consciencia e da personalidade. Nas formas sub-agudas e cronicas, ligado ao automatismo mental (Arthur Ramos).

* * *

As praticas de magica são correntes entre os nossos babalorixás. Essa estrategia do animismo constitue a parte mais primitiva e importante da sua tecnica, servindo para fins diversos, submetendo os fenomenos naturais á vontade do individuo ou protegendo-o de perigos, ou ainda prejüdicando seus inimigos.

O principio que rege a ação magica pode ser expresso de modo mais conciso, abstraindo-se do excessivo do conceito, segundo as palavras de E. B. Taylor: *mistaking an ideal connexion for a real one* (15).

Almeida utilisando um retrato da pessoa visada, amarrando-o em fitas, embebendo-o em sangue, evocou um pacto-de-sangue para solver um caso amoroso.

Anselmo refere que os seus *cbós* colocados nas estradas ou feitos mesmo no terreiro visam unicamente fazer o bem e nunca maleficios. A tecnica magica é aí empregada sem fins hostís individuais, tendo ação protetora.

Noberto, de tal maneira está certo de que a doença é consequencia de sortilegios, que afirma "tirar e botar doença", ameaça velada que fez a um dos meus confrades do S. H. M. no inicio das nossas investigações. Não conseguí saber a pratica magica que usa para efeitos maleficos.

A concepção da mentalidade primitiva que liga ao sagrado aquele que cura engendrou as formas misticas de tratamento usadas até hoje em

---

(15) S. Freud, *Totem e Tabú*, trad. bras., pag. 139.

dia. Entre as massas populares do Recife o máo-olhado é ainda considerado como causa de muita doença fisica, que assim só com rezas e benzeduras podem ser afastadas.

Adão e Anselmo, todavia, fazem ebós para a cura de máo-olhado, sacrificios a fetiche-deuses ou a encantados das estradas para afastar *atrazos,* evita-los, afastar doenças.

"Os motivos que forçam ao exercicio da magica são faceis de reconhecer, são os desejos do homem. Teremos apenas de admitir que o homem primitivo tem confiança desmedida no poder dos seus desejos. No fundo, tudo o que ele intenta obter pelos meios magicos deve assim suceder, porque ele o quer assim" (16).

Entre os páis de terreiro observa-se franca feitiçaria-medica. Este curandeirismo, de origem magico-fetichista prende-se a fatores pre-logicos da mentalidade primitiva e não deve ser confundido com o charlatanismo, que é a transgressão voluntaria, consciente, e responsavel de um codigo de classe (17).

---

(16) Freud, *Ob. cit.,* pag. 146.

(17) Arthur Ramos, *O problema psychologico do curandeirismo,* in Brasil Medico, Rio, 1931, n.° 42.

Desta maneira só um trabalho continuo e persistente de educação poderá fazer desaparecer essa entidade — o homem-medicina, que a violencia policial jamais conseguiu reprimir.

* * *

A influencia imediata dos cultos negro-fetichistas no Recife é limitada a um numero relativamente pequeno de adeptos. Cada terreiro tem em media cerca de vinte a trinta filiados, na sua maioria mulatos, alguns crioulos, raramente um branco. Nada indica ser favoravel o seu desenvolvimento. Pelo contrario, a obra de sincretismo religioso faz com que uma maioria frequente os templos catolicos, encarando alguns dos "filhos" o terreiro como um tradição veneravel, outros como mero divertimento.

Os filhos de terreiro são individuos que ocupam profissões humildes (lavadeiras, cozinheiras, operarios rurais, pedreiros, etc). Deve-se acentuar que não são bem vistos pelos de côr das massas proletarias e pequena burguezia, causando aos brancos de todas as classes apenas curiosidade, quando muito um vago receio de bruxaria e catimbó...

O Serviço de Higiene Mental de Pernambuco investigando as religiões chamadas inferiores, no Recife, acompanhando de perto as suas praticas e atividade, tem em mãos o seu controle para qualquer intervenção profilatica necessaria.

4

A obra do sincretismo

AINDA O SINCRETISMO RELIGIOSO

Naquela fase em que a perseguição policial os impedia de funcionar livremente, os pais de terreiro que se diziam "mediuns" e onde o sincretismo espirita intervinha mais fortemente na formação do culto, rotulavam de centro espirita o terreiro, emquanto aqueles em que era visivel o complexo religioso espirita-catolico, predominantemente catolico, voltaram-se para a escapula do Maracatú.

Hipertrofiando as suas funções, ha varios pais de terreiro que realizam os *trabalhos* de espiritismo.

Essa mediunidade de alguns babalorixás, que as leis de sugestão de Baudouin (18) poderiam, a

---

(18) C. Baudouin, *Psychologie de la suggestion et de l'auto-suggestion,* 4e. ed., Paris.

certo modo, explicar, encontra terreno favoravel nas formas de reação primitivas, ancestrais, que encadeiam as funções do pai de santo.

Nina Rodrigues, Arthur Ramos, ...assinalam a vulgaridade dos centros espirito-fetichistas, que se encontram espalhados pelo paiz.

O "Diario da Tarde", do Recife, noticiava a 29 de Novembro de 1934:

"DEPOIS DO AFRO-BRASILEIRO...

A policia da Seção de Costumes e Repressão a Jogos varejou, hontem, em Beberibe, um tenebroso antro de macumba e baixo espiritismo. Um galo preto sacrificado a Ogun.

A denuncia chegou á Seção de Costumes e Repressão a Jogos ás 16 horas de hontem. Instalara-se em Beberibe, num beco tranquilo e quasi desabitado, um antro tenebroso de macumba e baixo espiritismo.

Em consequencia, o beco tranquilo e quasi desabitado se tornara num logar donde o silencio fora expulso e a tranquilidade escorraçada a ponta-pés.

Todas as noites, um barulho tremendo. Sambas que se prolongavam até a madrugada. Toques prolongados de tambor.

E mais inconveniente do que o barulho tremendo, e mais perigoso do que os toques continuos

de tambor, rixas diarias entre individuos desclassificados e turbulentos que frequentavam o antro.

Não era nenhum Xangô. Era, pura e simplismente, um caso de policia. E, como tal, resolveu a policia agir contra ele.

A diligencia foi levada a efeito ás 23 horas aproximadamente.

O comissario Siqueira, chefe da Seção de Costumes e Repressão a Jogos, acompanhado do investigador Idelfonso, chegou ao local exatamente quando o antro se encontrava superlotado e era o barulho positivamente infernal.

Nenhuma macumba em terreiro bem limpo, á luz da luz. Numa sala abafada e estreita, onde se respiravam emanações de alcool e o cheiro forte de corpos suados, dezoito individuos — 10 homens, 5 mulheres e 3 crianças — ouviam, de um pretalhão de barbas brancas, cabeça raspada e pés descalços, uma especie de pratica espirita, onde se misturavam, num conluio extranho, citações de Alan Kardec e imprecações a Ogun.

Não houve resistencia.

Ao "tintureiro" coube a tarefa de transportar os detidos á Secretaria da Segurança Publica. Foram aí identificados e mandados a exame, depois, no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais, da Assistencia a Psicopatas."

* * *

O estado de lassidão mental imposto aos filhos do terreiro, através da emoção do misterio proximo e de que fenomenos supra-normais vão acontecer, é propicio a estas especies de sugestões espontaneas que oferece a sessão espirito-fetichista. Sendo que a "intervenção dum espirito estranho ao paciente se reduz a fenomenos da mesma familia da auto-sugestão espontanea e que com ela se pode identificar, levando em conta, todavia, uma "nuance" que é a da idéa original ser sub-conciente" (19).

Sabe-se que quando uma emoção se alia á idéa, a sua realisação sugestiva tem maior oportunidade de exito (lei da emoção auxiliar). Sabe-se que a sugestão é exaltada pelo exemplo de sugestão semelhante realisada por outrem (lei do exemplo). Sabe-se que o exercicio facilita a sugestão (lei do exercicio) (20).

Movido por um interesse conciente ou inconciente, pela procura de alivio para a doença, etc., condicionado a um compromisso para com o seu orixá, seu *pai*, ou seu terreiro, tem o iniciado o

---

(19) C. Baudouin, *Op. cit.*

(20) Leis da sugestão de Baudouin, *Op. cit.*

élan que o anima. O receio de maleficios que possam decorrer de abandono, reforça o reflexo.

A companhia, exemplo e frequencia do ambiente, a ação emocional ampliada pelo que vê, a imitação, a pratica, levam ao estado de desagregação, de predominio do inconciente sobre o conciente, onde se encontra a explicação dos transes.

Através de provas psicometricas realisadas no Instituto de Psicologia do Serviço de Higiene Mental de Pernambuco, evidenciou-se "a pequena resistencia á sugestionabilidade dos nossos "mediuns". A debilidade da vontade ficou tambem demonstrada pela pouca resistencia ao automatismo" (21). O que corresponde perfeitamente aos resultados obtidos.

Outra modalidade interessante de mistura religiosa afro-pernambucana é o *Xangô de Caboclo,* ou *Centro de Caboclo do Batuque,* em numero muito reduzido, onde se observa a influencia da junção do amerindio.

No Xangô de Caboclo aparecem como entidades de primeira grandesa, Jesus Cristo, que é chamado "Caboclo Bom", e os santos João Evan-

---

(21) P. Cavalcanti, *O Estado Mental dos Mediuns,* Recife, 1934.

gelista e João Batista, dupla personagem dum mesmo santificado.

Os instrumentos musicais já são diferentes, a liturgia se modifica, ha penachos para o chefe do centro, as palavras portuguesas são mais frequentes nas invocações do que os vocabulos da Costa. Os manifestantes do caboclo dansam aos pulos, rapidos e inesperados, cumprimentam ás pessoas pegando-lhe nas mãos, dando pinchos, e por fim abraçando-as dos dois lados como no rito africano.

Adoram ainda a Xangô, mas a Xangô-Caboclo, como a Yemanjá, a quem chamam Sereia do Mar ou Nossa Senhora do Rosario, e cultuam Exú, assim varios encantados.

As comidas dos filhos desses terreiros, estabelecidas para os resguardos, são: geremun cozido com feijão e mel de abelha; todas as aves; hervas; bebem cachaça misturada com mel de abelha, canela e casca de jurema. Bebem ás vezes demais, como sucedeu um dia com um membro da seita que saiu embriagado por Agua Fria afora, em disparada, dizendo: *"Espirito Caboclo apoderou-se de mim, e me ordena que eu mate gente"*.

Fig. 9 — Oxê da Xangô. (*Escultura em madeira por um parafrenico do Hospital-Colonia Juliano Moreira*).

O "Diario da Tarde", do Recife, nos seus fatos diversos de 16 de Novembro de 1934:

"O ESPIRITO CABOCLO. UM DESORDEIRO DIZENDO-SE MANIFESTADO, PÕE UMA LOCALIDADE EM POLVOROSA.

José Porvino da Silva, vulgo Zé Bezouro. Refinadissimo Malandro. Perigosissimo desordeiro. De dia, no xadrez. A' noite, no "bas fond". "O espirito Caboclo apoderou-se de mim!" Zé Bezouro zunia como um bezouro doido. Voava e revoava, quer dizer, corria para um e outro lado, gritando como um possesso: "O espirito Caboclo apoderou-se de mim. E me ordena que eu mate gente."

O caso tornava-se mais complicado. Em Bomba do Hemeterio, onde passava, iam-se fechando prudentemente, as janelas e portas.

—... "ordena que eu mate gente!"

Já agora Zé Bezouro empunhava numa mão uma pistola "comblain" e uma "peixeira" na outra.

Alguns populares levaram o fato ao conhecimento do posto policial de Agua Fria.

Os soldados Severino Costa e Manoel Feliciano Gomes foram mandados á procura do malandro.

— "o espirito do Caboclo...". Zé Bezouro desta feita não terminou a frase.

Foi subjugado e desarmado por aqueles policiais e conduzido á delegacia do 2.º distrito.

Verificou-se, aí, que em vez do espirito Caboclo, o que nele se manifestara, fôra, simplesmente, o espirito... da cana".

* * *

O sincretismo religioso verificado nos cultos afro-brasileiros representa um fenomeno de resto já observado em todos os tempos. Condicionado não só ás necessidades exteriores como áquelas ocasionadas pela existencia e pelos imperativos internos. Uma especie de aliança com a familia resurgida, realisando novas alianças. Conciliando, de inicio, a ação julgada sinistra da divindade alheia com o poder das divindades proprias. E o escravo africano pedia ao deus do seu senhor que abrandasse a sua colera (sentimento sinistro ante o ritual extranho) como pedia proteção aos seus deuses possantes.

A identificação que se procedeu depois, uma como tradução de poder e significado religioso, tem exemplo desde os tempos mais remotos entre os diversos povos. Uma legenda descoberta na Britania, identifica a deusa siria do amor com Pax, Virtus, Ceres, a mãi dos deuses e a Virgem...

A mistura de raças foi tambem uma mistura de divindades.

Da influencia mais proxima do ritual negro, ficou entre os afro-pernambucanos o habito de imolar aves a santos catolicos, santos padroeiros nos seus dias de festa. Isso se verificou até publicamente um dia, no logarejo Riachão, interior do Estado. Perús e galinhas foram sacrificados deante a capela do santo padroeiro, com a presença da grande multidão animada de entusiasmo.

O "Diario da Tarde", do Recife, edição de 6 de Agosto de 1935, noticiava:

"ANIMAIS SANGRADOS, NUMA FESTA RELIGIOSA DO RIACHÃO. O INSPECTOR DE QUARTEIRÃO QUIZ PROIBI-LO E QUASI FOI ASSASSINADO.

O logar Riachão, situado no municipio de Vitoria, conserva ainda habitos antigos e espantosos.

O fato ocorrido no dia 24 de Junho, causou espanto em todo o municipio. Uma festa religiosa ali realisada terminaria, de acordo com o programa, com o sacrificio ás divindades, de modestos perús e galinhas. A cena seria, na verdade, sensacional, e, porisso, a ocorrencia á festa de Riachão ultrapassou os limites.

O comissario de Serra Grande soube da historia e não quiz que se consumasse o rito barbaro.

Reação e tentativa de morte.

Como estava anunciada, a festa, apesar de tudo, se realisaria com o sacrificio das aves, o inspector de quarteirão Manuel Pantaleão dirigiu-se ao local para cumprir as ordens do comissario.

A reação foi geral e os individuos José Vicente, vulgo Joca Duda e João Serapio, Duda Alves, animadores principais da festa, quasi assassinaram o policial a faca e cacete.

O delegado de Vitoria tomou as providencias a respeito, instaurando inquerito."

Essas praticas, do ritual do terreiro, onde se imolam aves ao orixá, o que, explica o pai de santo, acalma e agrada ao santo, tem sua origem no pensamento de uma divida de sangue, do crime primitivo que destruiu a unidade do seu mundo, no sacrificio totemico agindo como uma reconciliação.

ORAÇÕES FORTES, PARA AJUDAR A "FECHAR O CORPO" E LIVRAR DAS PERSEGUIÇÕES... — OUTRAS ORAÇÕES CURATIVAS

É crença entre os filhos de santo que conduzir orações fortes, dadas pelo pai de terreiro, e obtidas por meios magicos, evita toda a sorte de desgraças, livra o individuo de cacete, de faca, de tiro, das intrigas, da prisão, "fechando o corpo".

Ter o "corpo fechado" é cousa desejada pelos desordeiros, que, quando isso julgam obter, fazem em torno a maior divulgação. Nas baixas camadas sociais dá-se o maior credito a esse previlegio magico, fazendo-se respeitar o capanga que o possue.

Dizia-se antigamente que Nascimento Grande, figura muito popular no Recife, no começo deste seculo, notavel pelos conflitos em que an-

dava metido e donde saia sempre vencedor, tinha o corpo "fechado". Assim lutava por tudo e contra quem quer que fosse, armado ou sem armas, sempre com vantagem.

Entre os afro-pernambucanos é conhecida esta oração como uma das mais *fortes* para ajudar a "fechar o corpo":

"Salvai a Santa Helena
Na hora do meio-dia.

Chegou Senhor Meu Jesus Cristo
E perguntou:
— Helena onde vais?
Seguir os passos dos nossos inimigos?

— Eu vou seguir os passos
Dos meus inimigos
Para Jesus e além.

— Que armas levas comtigo
Para guerrear os vossos inimigos?

— Santissimo Coração,
Santa Maria Eterna,
As cinco Chagas de Cristo,
Paixão e Morte,

Senhor meu Jesus Cristo,
Para guerrear os nossos inimigos.

Os nossos inimigos
Sejam mortos de espirito,
Brando de coração,
Pleno de sono.

Facas no meu corpo não entrai !
Si eles olhos terão,
Não me verão;
Bocas têm,
Mas não me falem;
Pé tem,
Mas não me alcance;
Braços não me amarrais !

Cordas no meu braço
Não sustentais!
Ferro nos meus pés arrebentais!
Arma de fogo,
Não dês arma,
Correi aguas no seu cano
Como correu a agua da areia
Quando Nosso Senhor Jesus Cristo pas-
[sou !

Meus inimigos passem por mim
Assim como passou por ti,
Pelo sangue de Nosso Senhor Jesus
[Cristo!"

Outra oração *forte* é a seguinte:

"Senhor do meu coração
Livrai na minha grande aflição.

Foi a Virgem se sentar,
No seu jardim de flores,
Chegou o devoto,
Valendo o Senhor!

Deus nos creou
Para servir e amar.

Valei Senhor,
Por baixo dos nossos inimigos,
Não me fazer amar!

Valei Senhor!
Nem minha arma seja perdida,
Nem meu sangue derramado,
Nem meu corpo seja preso
Pelas mãos dos inimigos.

Pela Hostia Consagrada,
Pelo Calice bento,
O Santissimo Senhor do Sacramento,
Por baixo dos meus inimigos,
Não me fazer amar!

Dominarei, Padre Nosso,
Ave Maria,
Credo em Cruz!

Estas orações, assim como muitas outras, semelhantes, fazem parte dos "preparos" com que se faz "fechar o corpo", devendo ser conduzida dentro de um saquinho de algodão ou de couro, debaixo do sovaco ou pendurada no pescoço para "fazer mais efeito", preso por um cordão de contas da côr do santo da devoção.

Para curar *olhado,* usa-se, de Pernambuco á Paraíba, uma resa de negra velha. Primeiro, sentado ao lado da curandeira, fica-se muito tempo, para ver si o mal é mesmo causado por *olhado,* porque si não o fôr, as orações devem ser outras... Fica-se conversando sobre qualquer coisa. Si a companheira da mesa começar a sentir vontade de abrir a boca, bocejando, então é mesmo *máo olha-*

do. Quem benze toma muitas precauções "porque o quebranto (olhado) pode voltar-se para si". Na verdade a cura, explica a creatura-medicina, dá-se porque a força do olhado passa, no momento, para quem cura. Mas quem cura está já preparado para isso e, desta sorte, não lhe faz mal de especie alguma a força do *olhado.*

A formula magica para curar quebranto é a seguinte:

"Com Deus te botaram,
Com quatro *eu tiro.*
Com Deus te botaram,
Com quatro *eu tiro.*
Com Deus te botaram,
Com quatro *eu tiro.*

Dois *de S. João Batista*
Dois *de N. S. Jesus Cristo".*

"Fulano de Tal,
Assim como nasceste livre e são desse
[olhado,

Quebrado os olhos malvados,
Assim vai-te para as ondas do mar!"

Resam então tres Padre Nosso e tres Ave Maria, emquanto se benze, com um ramo, ao doente do "olhado". Dizem que quando o ramo murcha durante a resa do Padre Nosso é que o olhado foi botado por homem; mas si murcha durante a Ave Maria, foi mulher quem botou...

Para prevenir *olhado* nas crianças, usam figa preta pendurada no pescoço. Verificando-se, apesar disso, o *olhado*, usam os afro-pernambucanos a resa:

"Benze-se assim este menino,
Te botaram máo olhado,
Quebranto para te matar.

Te benzo para te curar,
Com o poder de Deus,
De Deus-Filho,
Com o poder de Deus,
Do Espirito Santo,
Da Santissima Trindade".

Si essas resas não conseguirem resolver o estado-de-olhado, "o que é muito dificil que aconteça", só defumatorios preparados por pai de santo, ou outros processos magicos mais complexos serão usados..

UMA SESSÃO NO CENTRO CABOCLO DE BATUQUE, DE CAETANA

Na estrada do Fundão está a *Seita de Caetana em adoração aos 3 Reis Magos.* A casa de taipa tem logo á entrada, na sala de visitas, um altar todo cheio de enfeites. Ali realisam os toques, confronte aos aparatos. Uma mesa atravancada de bules, tijelas, garrafas servindo de castiçais a velas acesas, ainda um livro onde se inscrevem os "socios". Por cima da mesa, na parede, estão pregadas estampas de santos: o Coração de Jesus, uma India e Santa Luzia.

O altar está cheio de bichos em tamanho pequeno, calices, uma casinha de papelão, uma porção de vidros de cheiro, um Ogun-Caboclo. Começam a sessão sem sacrificios, sentados em almofadões, em volta da sala, travestidos no estilo, á espera de Caetana.

Os iniciados vestem calções vermelhos, capas de pena de passarinho, e têm na cabeça uma especie de fêz bordado a contas e com uma pena grande. Enfeitando o busto trazem uma fita verde e amarela do hombro direito abaixo, até a cintura.

O oficio de Nossa Senhora ou da Sereia do Mar começa com a chegada de Caetana. Ela vem toda vistosa, de turbante, envolta numa capa de setineta azul. Uma mulata vestida de branco entôa o oficio de Nossa Senhora, as palavras caem soltas e repetidas como se a letra não desse certo com a melodia. Todos repetem a louvação do mesmo geito.

Caetana tira a toada:

Os Caboclos do monte que vieram curá
Enrola...
Vamos curá...
Julgamento do altá
Que vem nos ajudá...
Enrola,
Vamos curá!

Os presentes repetem a toada, emquanto alguns dos filhos se manifestam. O transe atira no chão os possuidos do espirito de caboclo com a "força".

Dão-lhes um frasco de cheiro a aspirar, e batem nos seus peitos e na testa com a palma da mão, tratamento que os faz voltar de pé, dando saltos rapidos. Os manifestados dão as mãos a alguns dos companheiros. As toadas cessam para dar logar a nova invocação:

As correntes do Egito
Paraná...
Paraná...
Deus enviou nossas nuvens
Os doze pares de França
O coração de Jesus
Deu suas luzes

Chegou o tempo de curá
Somos caboclos encantados
Da missão do meio do má.

Caetana faz ofertorios, vira-se para a porta e interroga: "Quem quer se empregá? Fala! Diga! Quem tem boca!"

Ha quem diga que quer isso ou aquilo. Voltam a cantar:

...a proteção dos home da capitá
Vem pra cidade de Pernambuco
Todo o povo comunicá.

Caetana grita: "Fecha o olho pra firmá os pensamento. Baixou! Fecha os olho! Ninguem firma ele sem fechá!"

O circulo de crentes baixa com os olhos, as pequenas traves se entrechocam, as orações:

No reino do céo,
No céo,
No céo,
Deus ordenou
As tribu do Egito...

Ciciam:

Si pôpô assi!
Assi...
Si pôpô assi!

As invocações enchem o ambiente, apitos e gritos, o batuque dos pequenos tambores em cadencia de samba, e os crentes dansam em volta da sala, uns atraz dos outros. Cantam:

...chamá o Jesus para fazer má
Caboclos do Egito veio trabalhá
Vamos se limpá...
Vamos virá

Atende as correntes do má
Jesus de Nazaré vem nos alentá
Alimpa meu corpo pra eu prosperá
Meu negocio, minha casa, háde prosperá
Dinheiro no bolso
Em todo logá!

* * *

A pobreza do ritual do centro de Caetana reflete a influencia predominante catolico-espirita-caboclo, muito pouco restando da raiz africana.

As suas sessões se caraterizam por invocações a entidades catolico-caboclas, de mistura com os 12 pares de França, cujo resurgimento não sei a que atribuir, com fins magicos curativos e de resolução de situações sentimentaes e de negocios.

Tambem chamam a esse centro de "Catimbó de Caboclo".

Não existe nele o sentido de cultuar aos deuses como obrigação espiritual cheia de encargos e compromissos decorrentes da sua ação protetora, mas unicamente preocupações magicas para exitos imediatos.

Fig. 10 — *Mascara.*

5

Grandeza e decadencia dos Xangôs

BREVE NOTICIA DA PINTURA E DA ESCULTURA RELIGIOSAS

Da injustiça dos dominadores vem a crença que aquela gente que o trafego negreiro trouxe para aqui era despida de qualquer civilisação ou cultura. Gente africana de nações diversas, entre algumas já avançadas no dominio das Belas Artes, suas produções assinalam, bem vivo, qualidade.

Os desenhos duma simplicidade toda primitivista, esculturas religiosas, a decoração dos seus Pegís, madeira talhada, evocados longe da patria perdida, tudo isso está bem documentado entre os escravos que colonisaram o Estado.

Os Gêges, familia da Costa dos Escravos, que tantos escravos gêges trouxeram para cá, eram conhecidos artistas, povo até com arquitetura propria.

Para Pernambuco trouxeram muitos escravos do antigo reino de Ardra, onde se falava lingua gêge, e donde levaram tantas peças bonitas de escultura para o museu do Trocadero os conquistadores franceses do Dahomey.

Falando sobre o emprego de mascaras e da sua origem e mistica, Daniel Real, inspector do Museu de Etnografia do Trocadero, buscando as mais remotas, exalta o valor artistico daquellas trabalhadas pelos artistas negros do Dahomey. Diz: "são incontestavelmente excelentes estudos do rosto humano, onde se observa um realismo, que é das principais caracteristicas do estilo dahomeyano".

O culto religioso, seus sentimentos religiosos, são inspiração constante de trabalhos de arte. Vimos um oxê de Xangô. Essa figura com geito de mulher não é um idolo, é uma sacerdotisa de Xangô. Nela estão bem figurados os caracteres etnicos proprios á sua gente. Os labios grossos e caidos, os olhos salientes, o nariz chato, a desproporção entre os membros, bem postos pelo artista, peculiares á raça.

Leo Frobenius, que é bem a maior autoridade em *Historia da Arte* da Africa, com a instalação dos Arquivos Africanos, feita em 1928 no Instituto de Morfologia Humana de Francfort, trouxe ao estudo a realisação do seu sonho fantastico: juntar toda uma documentação artistica e literaria proveniente de epocas as mais recuadas, até os nossos dias, dum valor que não se pode imaginar. Ele explica o suporte magico e religioso dessa arte dos negros, ligando a um tronco comum todas as obras humanas. (Uma emancipação lenta através as idades trouxe aquele personalismo em que vamos encontrar as mascaras que ilustram "Le realisme des artistes noirs", de Clouzot e Level). Na base, como inspiração um mesmo Deus unico e possante, e logo abaixo dele os principios macho e femea, e os varios deuses menores aos quais submeteu o mundo, ao mesmo tempo, como ao poder de inumeros genios. Uma mistura de monoteismo e de paganismo, como se encontra entre varios povos em todos os tempos.

Mas o que seduz na arte dos negros é a mistura extraordinaria de abstração e de vida.

Parece, ás vezes, que nos trabalhos plasticos ha mais interesse em revelar os dons do artista,

do que tradições ligadas a um grande passado. Sabem dar um caracter profundo ás suas obras plasticas: a expressão que anima o rosto de Oxê, ora de uma gravidade inquietante, despida de beleza, ora de dôr, ou, num milagre de estilisação. possante e truculenta e feliz.

ESTÃO MORRENDO OS PAIS DE SANTO

Estão morrendo os grandes pais de santo do Recife. Morrem pelo coração os babalorixás. Primeiro foi Adão. Logo depois, Anselmo. Agora morre João, tambem de repente.

Pai Adão desde os ultimos anos que não era o mesmo homem. Todo-mundo via isso. Chegou a nos procurar, a mim e ao dr. Ladislau Porto, pedindo para ver o que é que tinha. Seu coração estava em frangalhos.

Ele levou a receita e o regimen, mais por levar, por delicadesa. Sabiamos que ele nunca tomara remedios, e o seu regimen era todo imposto por Yemanjá.

Os orixás possantes haviam de cuidar da sua alma, que importava a Adão ou Anselmo a vida do corpo e os males fisicos?

Mais tarde o filho caçula do balalorixá foi preso por crime de morte. Adão ainda mais se abateu. A molestia crescia dia-a-dia.

A noticia da sua morte se espalhou rapidamente em dois Estados. A estrada velha de Beberibe então não cabia mais de gente. Ali no Chapeu de Sol, em Agua Fria, em Beberibe todo, era só no que se falava.

No terreiro do velho pai de santo pairava uma intensa emoção. Em volta da casa-grande ouviam-se até as preces resadas na capela, toda enfeitada de verbenas e violetas.

Uma multidão densa se juntava no terreiro, os olhos voltados para o morto. As orações subiam no ar, entrecortadas de soluços, os labios tremiam as palavras em todos os filhos de terreiro.

Como era querido o grande pai de terreiro! Sentiam a sua morte os que o conheciam e o estimavam, os que viveram ao seu lado e os que o viam só de longe. Morto agora, o casarão do Chapeu de Sól estava todo cheio dos seus velhos amigos que lhe foram dizer adeus.

Pai Adão estava morto no seu caixão negro limitado de velas. Os grandes encantados não

ouviam as suas invocações. Estava ali estendido sem vida, á espera da clemencia de Xangô.

O caixão de veludo negro foi levado para a capela. Todo o dia resaram ao seu lado. Toda a noite resaram em volta dele.

Lá fóra do terreiro ouvia-se: "Pai Adão era bom demais! Você vai ao enterro de pai Adão?" Todo mundo dizia que sim.

No dia seguinte foi sepultado o pai de santo. Cerca de duas mil pessoas enchiam a estrada. Foi dispensada a carreta porque todos queriam pegar no caixão. As filhas de santo, travestidas de baiana, com as cores dos seus santos só nos collares, blusas brancas cheias de rendas e turbantes de rendas, abriam duas alas. A irmandade do Senhor dos Martyrios seguia á frente do cortejo, toda paramentada. De mão em mão chegou o enterro á Encruzilhada. Ali, deixam levar o caixão na carreta.

Mas, já proximo ao Campo Santo, ainda havia poeira na Estrada Velha de Beberibe...

Calou o batuque do terreiro do Chapeu de Sol.

* * *

Pai Adão chamava-se Felipe Sabino da Costa, era filho do escravo Sabino da Costa. Nasceu no ano de 1877, segundo consta, na cidade do Recife, onde passou toda a sua mocidade. Mais tarde foi á Baía, onde residiu algum tempo. Casou nessa cidade com Maria da Hora, de quem teve muitos filhos.

Seu sonho era conhecer a terra dos seus maiores. Foi á Africa. Fez viagem em cargueiros, de todo o geito, e conseguiu realisar o seu desejo incontido. Passou anos em Lagos e voltou satisfeito do que aprendeu. O continente do outro lado do mar lhe ensinou o que a sua intuição vislumbrara. Dominava-o inteiramente o culto dos seus pais. No Recife fundou terreiro, que cedo ficou falado. Construiu depois até a capela, sua casa já era pequena.

Viveu como um grande mistico, amou aos seus filhos, e morreu cercado de verbenas e violetas.

* * *

Depois, mais quatro mezes depois, foi Anselmo. A rua do Progresso de Agua Fria cobriu-se toda de tristesa. Emudeceram os ataba-

ques e agoguê dos arredores. Foi egualmente sentida a morte do pai de santo que mais serviços prestou ao S. H. M. Sua popularidade, que não atingia a altura da de Adão, era comtudo um fato na redondesa.

Nas construções mais proximas, os mestres-de-obras lastimaram a perda do bom pintor, mas um circulo de muitas almas cobriu-se de luto profundo.

No congresso afro-brasileiro do Recife foi muito estimavel a contribuição de Anselmo. Ele deu a todas as suas sessões o pitoresco dos seus apartes, discutiu as teses com os doutores, e esclareceu muito cousa na sua simplicidade.

Veio a vez de João, menos falado, lá no terreiro da Mostardinha, tambem sem se esperar, vespera de Festa.

Com Anselmo e Adão, João era um dos grandes pais de terreiro.

A Ialorixá Maria Anunciada estava pedindo no S. H. M. licença para *bater* no dia 31.

— "Porque não toca hoje, Maria? no dia de ano volto para a Paraiba".

Ela respondeu que o babalorixá João tinha morrido vespera de festa e tinha sido enterrado

em caixão bom, puxado a carreta. Só o pessoal mesmo do terreiro distante soubera da noticia triste. Tocava sim, mas no 7.º dia.

Maria disse isso com os olhos mareados. Perguntei si ele era seu parente. Respondeu: "Não. Ele era Babalorixá".

Eu que me acostumara nos meus tempos de auxiliar tecnico do S. H. M. com a grande rivalidade dos terreiros, fiquei commovido com a resposta.

A Ialorixá Maria, filha da Baiana do Pina, afilhada de Ogun, vestida de cor de rosa, vai bater quinta-feira em louvor do pai de santo da Mostardinha. É uma homenagem muito grande.

* * *

Neste ano fizeram tres matanças, nos tres terreiros. Tres *despachos* foram botados no rio, e tres caminhos levam, para se juntar com eles na Costa, os pertences dos grandes Babalorixás mortos.

* * *

Começou a decadencia dos xangôs do Recife.

INDICE

GONÇALVES
FERNANDES
XANGÔS
DO
NORDESTE